



UFSM

Dissertação de Mestrado

**SEXUALIDADE: REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES
DO ENSINO MÉDIO**

Aida Mair Prado Flores

PPGE

Santa Maria, RS, Brasil

2004

**SEXUALIDADE: REPRESENTAÇÕES DE
PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO**

por

Aida Mair Prado Flores

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, nível de Mestrado da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Educação.**

PPGE

Santa Maria, RS, Brasil

2004

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação de
Mestrado

**SEXUALIDADE: REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES
DO ENSINO MÉDIO**

elaborada por

Aida Mair Prado Flores

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestrado em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Inês Naujorks - Orientadora/UFSM

Prof^a. Dr^a. Deisi Sangoi Freitas - UFSM - RS

Prof. Dr. Alberto Manuel Quintana - UFSM - RS

Santa Maria, RS, dezembro de 2004

Dedico esta dissertação em especial para minha família, direção, colegas docentes, técnico-administrativos e alunos(as) do Centro Federal de Educação Tecnológica de São Vicente do Sul, RS, pelo apoio, coragem, compreensão e incentivo para desenvolver este trabalho. Todos vocês fazem parte, de forma muito significativa, na minha vida.

Dedico, ainda, este trabalho, com muito carinho, às Direções, Professores(as) e Alunos(as) das Escolas Estaduais e Particulares da cidade de Santiago (RS). Agradeço imensamente pela disponibilidade em participar desta pesquisa que visa uma reflexão acerca da sexualidade nas práticas docentes dessas instituições.

Dezembro/2004

Aida Mair Prado Flores

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

À Prof^ª. Dr^ª. Maria Inês Naujorks, pelo profissionalismo, pelo carinho e por sua especial orientação e acompanhamento neste trabalho.

A banca examinadora dessa dissertação: Dr. Alberto Manuel Quintana, Dr^ª. Deisi Sangói Freitas, Dr^ª. Valeska Maria Fortes de Oliveira, pelas significativas contribuições.

Aos professores(as) do PPGE/UFSM, pelo convívio, como orientadores das disciplinas ministradas durante o curso, servindo de suporte para a realização desta pesquisa.

Em especial às colegas Evanir Piccolo Carvalho, Nadia Maria Covaleski Perlin e Deise Helena da Rosa que, não mediram esforços em me ajudar na tarefa de formatação, revisão textual e gramatical, deste trabalho.

Aos meus colegas de mestrado e aos amigos, pelo companheirismo e estímulos em trilhar esse caminho.

A minha família, pela compreensão nessa fase da realização da pesquisa.

Aos colegas professores(as) das Escolas, que contribuíram para que esse trabalho fosse realizado.

SUMÁRIO

LISTA DE ANEXOS	vi
RESUMO	vii
ABSTRACT	ix
INTRODUÇÃO	1
1 REVISÃO DA LITERATURA	11
1.1 Sexualidade na história da educação ...	11
1.2 Foucault: sexualidade e a rede de poderes	23
1.3 Educação sexual e representações sociais	31
1.4 Sexualidade e a prática docente	36
2 METODOLOGIA	40
2.1 Enfoque metodológico	40
2.2 Sujeitos da pesquisa	41
2.3 Local da coleta de informações	42
2.4 Instrumentos da pesquisa	43
2.5 Procedimentos para coleta das informações	47
2.6 Período de produção das informações	50
3 DISCUSSÃO DOS ACHADOS DA PESQUISA	51
3.1 Concepções de sexualidade	47
3.2 O trabalho com a sexualidade: dificuldades e desafios	63
3.3 Manifestações dos alunos sobre sexualidade	74
3.4 Sexualidade como um tema transversal	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
BIBLIOGRAFIA	99
ANEXOS	104

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A -	Ficha de identificação do profissional entrevistado .	105
ANEXO B -	Carta de cessão	107
ANEXO C -	Instrumento de coleta de dados	109
ANEXO D -	Perfil das escolas pesquisadas	111
ANEXO E -	Perfil dos professores entrevistados	114

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

SEXUALIDADE: REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO

AUTORA: AIDA MAIR PRADO FLORES
ORIENTADORA: Dr^a. MARIA INÊS NAUJORKS
Santa Maria, Dezembro de 2004.

O trabalho Sexualidade: Representações de Professores do Ensino Médio vincula-se à Linha de Pesquisa Práticas Educativas nas Instituições do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Este estudo constitui-se em uma investigação com abordagem qualitativa, que busca, a partir do olhar dos professores de escolas públicas e particulares de Ensino Médio, investigar as representações sobre sexualidade, que permeiam as instituições educativas na cidade de Santiago, RS, bem como identificar, categorizar e discutir as concepções, ações na prática docente e aspirações dos alunos envolvidos nesse ambiente social. As informações obtidas a partir das realidades foram discutidas através da teoria das Representações Sociais e como instrumentos de pesquisa foram utilizadas a entrevista semi-estruturada e a observação. A partir da utilização desses recursos, foram elencados conteúdos das entrevistas que nortearam a formação de categorias e a aproximação com representações sociais, constituídas pelos grupos. Essas representações passaram, posteriormente, a constituir o foco das discussões, as quais foram fundamentadas pelo referencial teórico, cujas bases estão em autores como: Foucault (1992, 2001, 2002), Freud (1976) Saviani (2001), Nunes (2001), Gomes (2002), Veiga (1997), Guimarães (1995), Stoll (1988), Kupfer (1989), Minayo (2000), entre outros. Este trabalho permitiu verificar as múltiplas idéias e imagens presentes em cada dimensão pesquisada. Segundo os posicionamentos e argumentações dos sujeitos, o tema foi evidenciado, oportunizando novas discussões e reestruturações dos currículos em prol da melhoria nas suas práticas docentes e, conseqüentemente, de processo de formação humanizado. O estudo demonstrou que o tema sexualidade exerce influência sobre cada um dos integrantes de relações sociais, através de suas culturas, histórias de vida e políticas de um contexto, tornando-se, assim, um assunto bastante complexo. Assim, a sexualidade, como uma dimensão da condição humana, exige dos profissionais da área da educação um esforço para gerar situações que possam esclarecer dúvidas ou mesmo orientar a formação do educando. Nas entrevistas, os

docentes evidenciam preocupação com o tema e reivindicam subsídios que lhes favoreçam esclarecimentos no trato com a sexualidade humana a fim de melhor trabalhar na prática docente. A maioria dos entrevistados relata as dificuldades encontradas ao trabalhar o assunto, a ausência de conhecimentos recebidos na formação inicial e a inexistência de realização de projetos que permitam ao professor(a) desempenhar, de forma eficiente, o papel profissional e social. Em relação aos educandos, observa-se que há muitas dúvidas sobre sexualidade e dificuldade em falar sobre esse assunto com alguém que lhe dêem condições emocionais na busca de uma melhor aprendizagem e da construção do conhecimento. Segundo os entrevistados, as relações interpessoais são condicionantes para um bom desempenho docente e para a facilidade de aprendizado dos alunos(as). A pesquisa mostra que, pelo fato de abordar as representações sociais acerca da sexualidade, a subjetividade se revela tanto no professor(a) como no(a) aluno(a), materializando-se nas ações ou atitudes explícitas ou implícitas de ambos. Assim, acentua-se uma cumplicidade no sentido de auxiliar o desenvolvimento da sexualidade dos discentes, possibilita-lhes a formação de diferentes visões de mundo, ajuda-os na resolução de conflitos e permite uma reflexão maior que os conduz a posicionamentos mais seguros.

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

SEXUALIDADE: REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO

(SEXUALITY: REPRESENTATIONS OF TEACHERS OF THE MEDIUM TEACHING)

AUTHOR: AIDA MAIR PRADO FLORES
ADVISER: Dr^a. MARIA INÊS NAUJORKS
Santa Maria, Dezembro de 2004.

The work, Sexuality: Representations of Teachers of the medium teaching is linked to the Educational Practices Line of Research in the Institutions of the Course of Master's degree in Education of Santa Maria's Federal University. This study is constituted in an investigation with qualitative approach, that looks for, starting from the teachers' of public schools glance and peculiar of medium teaching, to investigate the representations about sexuality that permeates the educational institutions in Santiago's city, RS, as well as to identify, to classify and to discuss the conceptions, actions in teacher practice and the students' aspirations involved in its social adapts. The information obtained starting from the realities was discussed through the theory of the Social Representations and as research instruments the semi-structured interview and the observation were used. Starting from the use of those resources, casting contents of the interviews that orientated the formation of categories and the approach with social representations were constituted by the groups. Those representations passed, later, to constitute the focus of the discussions, which were based by the theoretical referential, whose bases are in authors as: Foucault (1992, 2001, 2002), Freud (1976) Saviani (2001), Nunes (2001), Gomes (2002), Veiga (1997), Guimarães (1995), Stoll (1988). Kupfer (1989), Minayo (2000), among others. This work allowed verifying the multiple ideas and present images in each researched dimension. According to the positioning and arguments of the subjects, the theme was evidenced, opening new discussions and restructurings of the curricula on behalf of the improvement in its educational practices and, consequently of humanized formation process. The study demonstrated that the theme sexuality exercises influence on each one of the members of social relationships, through their cultures, life histories and politics of a context, becoming, like this, a complex plenty subject. Like this, the sexuality, as a dimension of the human condition, demands an effort from the professionals of the area of the education to generate situations that can clear doubts or even to guide the student's

formation. In the interviews, the teachers' evidence concern with the theme and they demand subsidies that favor them explanations in the treatment with the human sexuality in order to best to work in practice educational. Most of the interviewees tell the difficulties found when working the subject, the absence of knowledge received in the initial formation and the inexistence of accomplishment of projects that allow to the teacher to carry out, in an efficient way, the professional and social paper. In relation to the students, it is observed that there are a lot of doubts about sexuality and difficulty in talking about that subject with somebody that they give their emotional conditions in the search of a better learning and of knowledge construction. According to the interviewees, the relationships interpersonais are conditioning for a good educational acting and for the easiness learning of the students. The research shows that, for the fact of approaching the social representations concerning the sexuality, the subjectivity is revealed so much in the teacher as in the student, being materialized in the actions or attitudes explicit or implicit of both. Like this, it increases a complicity in the sense of aiding the development of the sexuality of the students, it makes possible to them the formation of different world visions, it helps them in the resolution of conflicts and it allows a larger reflection than it leads them to safer positioning.

INTRODUÇÃO

A idéia sobre sexualidade que permeava as escolas de 1º grau, hoje Ensino Fundamental, na década de oitenta, época em que iniciei a docência, era como apenas um tema a ser incluído no currículo na disciplina de Biologia. Durante vários anos, como professora licenciada em Ciências Biológicas e como coordenadora de área, muitas vezes, fui responsável, também, pela reprodução dessa concepção de incluir o tema sexualidade unicamente na disciplina de Ciências ou Biologia.

Por essa razão, os docentes de Ciências e Biologia eram convocados para realização de cursos oferecidos pelas Secretarias ou Delegacias de Educação, com finalidade de atualizar esses profissionais. O assunto que pautava essa temática era, exclusivamente, com a intenção de adquirir subsídios para trabalhar uma educação sexual restrita apenas a uma educação higienista, através de palestras ministradas por profissionais da área de saúde, como médicos e/ou enfermeiros. Registra-se que muitos cursos sobre educação sexual eram promovidos pela Secretaria de Saúde, em convênio com a Secretaria de Educação.

Esse trabalho estendeu-se, durante muitos anos, nessa mesma linha de ação, reproduzindo-se da melhor forma possível aos alunos das escolas nas quais atuava. Inclusive, fiz algumas palestras sobre educação sexual reportando, da mesma forma, o assunto como: aparelho reprodutor masculino e feminino, doenças sexualmente transmissíveis, métodos anticoncepcionais, aborto e o tema adolescência, ou seja, manifestações da adolescência, como forma inovadora por trabalhar, em sala de aula, com alunos nessa faixa etária.

Esse convívio com adolescentes e alguns estudos sobre educação, despertou em mim um maior interesse sobre sexualidade. Então, parti em busca de maior entendimento, não mais na área médica, mas, pelas vias da educação e da psicologia. Passei a coordenar atividades como palestras sobre sexualidade para alunos de 1^a série de Ensino Médio, buscando palestrantes com visão mais ampla e com conhecimento em psicologia, a fim de desmistificar o termo sexualidade e trazer respostas a curiosidades e atitudes da criança e do jovem. Assim, na busca do prazer pelo conhecimento, o jovem vai aprimorar seus sentimentos, ações e interações, contribuindo para a sua formação.

Com o surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que definem Sexualidade como um tema transversal, que deve perpassar todas as disciplinas, não somente Biologia ou áreas afins, passou a haver uma preocupação, em relação ao assunto, da maioria dos educadores. Entretanto, percebo que há ainda muita dificuldade no tratamento dado à sexualidade, porque, por muitos anos, trabalhando em escolas públicas, em contato diário com docentes de várias disciplinas, foi possível perceber que as realidades vivenciadas são muito heterogêneas, com relação à formação, às diferentes possibilidades de atuação na função de docência e às formas de instrumentalização da prática pedagógica.

No momento em que se discute metodologia para uma nova realidade de ensino, onde se construam alternativas que consolidem um processo inovador na dinâmica do ensino-aprendizagem, torna-se de suma importância a atualização de conhecimentos dos docentes para trabalhar as condições que se fazem necessárias no desempenho do aprender. Esse contexto em que a Educação está pautada para o desenvolvimento das pessoas e das sociedades, na construção de escolas voltadas para a formação de cidadãos, conduz, os especialistas em educação de nosso país, a uma revisão de currículos que devem contemplar o objetivo maior das escolas.

O projeto político educacional do Ministério da Educação e do Desporto lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais com a intenção de ampliar e aprofundar um debate educacional sobre temas que permeiam a educação atual, envolvendo escolas, famílias, governos e sociedade, para uma transformação no sistema educativo. Um dos objetivos do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998) diz que o aluno deve ser capaz de:

- desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em sua capacidade afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social para agir com perseverança na busca do conhecimento e no exercício da cidadania (p. 7).

Então, meu conflito tornou-se ainda maior pela complexidade do tema e pela responsabilidade da escola, que deve incluir todos os agentes do processo, sendo assim um “dispositivo de poder” que a instituição se impõe.

Como se refere Foucault (2001, p. 89): “O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares”. Ressalta que o poder não é uma instituição, nem uma estrutura, nem o potencial de alguém, mas sim “uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (p. 89).

A escola faz parte dessa “situação estratégica complexa”, portanto, é uma instituição de poder e, como tal, terá que se permitir mudanças que levem um educador a preparar-se de tal forma que possa ajudar o educando sob um prisma de novas significações e vivências. Isso deverá ser feito não de maneira empirista, biologistica e informativa, tais como palestras ministradas por médicos ou profissionais da área, uma vez ao ano, sobre o assunto sexualidade, tecnicamente abordado como se os sujeitos fossem objetos com respostas mecânicas.

A abordagem da sexualidade requer uma dimensão pedagógica, um entrosamento histórico e moral e o auxílio das ciências humanas. Para

a compreensão mais profunda da sexualidade humana é preciso definir a sua constituição significativa. Vasconcelos (1971, p. 75) referenda que o “ser homem” e o “ser mulher” são criações da vida social.

Assim, faz-se necessária a distinção entre sexo e gênero. Sexo se refere à diferença biológica entre macho e fêmea, incluindo as diferenças anatômicas, fisiológicas, genéticas, hormonais, etc. Enquanto, gênero designa tudo que caracteriza o “masculino” e o “feminino” na diferenciação entre o mundo do homem e o mundo da mulher, que obedece aos critérios do poder e das estruturas de dominação e produção da existência. O gênero é o sexo sociológico, é a sociedade que cria o gênero masculino para o menino e para o homem, e o gênero feminino para a menina e para a mulher.

Então, é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros. O gênero torna-se um constituinte da identidade dos sujeitos, e estes, também, identificam-se social e historicamente, como masculino e feminino e, assim, engendram suas identidades de gênero.

A discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade, no currículo das escolas de educação básica, intensificou-se, a partir da década de 70, por ser considerada importante para a formação global do indivíduo. Há registros de discussões e de trabalhos em escolas, desde a década de 20, contudo com diferentes enfoques.¹

A retomada contemporânea desta questão teve início, juntamente, com os movimentos sociais que se propunham, com a abertura política, a repensar o papel da escola e dos conteúdos por ela trabalhados.

¹ Nesta década, houve a tentativa de implantação da Educação Sexual com o objetivo de proteção à infância e à maternidade, segundo a historiadora Susan Besse, de Campinas, em Seminário da fundação Carlos Chagas, em 1979 (GUIMARÃES, 1995, p. 59).

A partir de meados de 80, a demanda por trabalhos na área da sexualidade, nas escolas, aumentou, devido à preocupação dos educadores com o grande crescimento da gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da contaminação pelo vírus da AIDS. Sabe-se, porém, que é necessário ultrapassar essa concepção estreita de educação sexual e trabalhar o tema de forma mais globalizada.

Desde 1997, a orientação sexual é tema sugerido para as salas de aula, em todos os níveis de ensino. A decisão do Ministério de Educação – MEC, de incluir a orientação sexual nos currículos, parte do princípio de que o pleno desenvolvimento da sexualidade é essencial na formação do homem para o exercício da cidadania. Segundo esta visão, a sexualidade deve ser considerada em suas dimensões biológica, psíquica e sócio-cultural. A idéia é complementar o papel da família, repercutindo nas escolas as mensagens veiculadas pela mídia e aprendidas no convívio social.

A inserção deste conteúdo, nos currículos, inclui a preparação do professor para trabalhar, da maneira mais isenta de preconceito possível, esse tema. Ao colocar-se o professor como agente indispensável na formação do homem, deve-se ter o cuidado de não o responsabilizar, exclusivamente, pelos problemas enfrentados na educação. É indiscutível que, por trás da atuação do professor, existe uma série de fatores que contribui para a qualidade educacional, como a formação do professor, seu estado emocional e as representações que tem a respeito de sexualidade.

As manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir constitui-se nas respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola. Nessa perspectiva, Freud (1976) destaca o recalque como uma das bases da civilização e, ao mesmo tempo, é fundamento da neurose que atinge a humanidade em seu conjunto. Nesse contexto, faz-se uma comparação contrastante entre

a inteligência radiante de uma criança saudável com a fraqueza mental de um adulto médio. Isso significa que o adulto, diferentemente da criança, que é espontânea, já sofreu muitas pressões da civilização e estas o “enfraqueceram”.

A religião, segundo a teoria psicanalítica, trabalha a favor do recalque e da irracionalidade no comportamento humano. Para contrapor essa visão, deve-se lutar por uma educação que rejeite tal orientação, uma educação que pretenda fazer com que o homem assuma, sem o auxílio de consolos ilusórios, o peso da vida. Esse processo poderia ser chamado de “educação para a vida”.

A partir dessa concepção, de “educar para a vida”, é necessário verificar qual o papel do professor, da escola e o que significa educar sexualmente.

Com o avanço crescente da tecnologia, informatização, aumento da rede de informação, entre outros fatores, a sociedade acompanhou as transformações do mundo contemporâneo. Nossos jovens e crianças estão expostos a qualquer tipo de informação, e isso redimensiona o papel da escola. Toda família constrói uma educação sexual e a repassa às suas crianças e jovens, mas a maneira como isso é abordado traz algumas conseqüências no desenvolvimento de quem aprende.

O fato de a família ter valores conservadores, liberais ou progressistas, professar alguma crença religiosa ou não e a forma como o faz, determina, em grande parte, a educação das crianças. Pode-se, portanto, afirmar que é, no espaço privado que o indivíduo recebe, com maior intensidade, as noções a partir das quais construirá sua sexualidade.

Outras fontes de informação que atuam, de forma intensa, na maneira como será apreendida a informação sexual, são os livros, revistas, pessoas que não pertencem ao grupo familiar, a mídia e,

principalmente, a escola. Todas essas questões, oriundas dos ambientes onde vivem, são trazidas, pelos alunos, para dentro da escola e, dessa forma, cabe a ela desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa.

Segundo Foucault (2001), a partir do século XVIII, começa a se multiplicar o número de instituições que se aperfeiçoam, objetivando maior eficácia em sua função disciplinadora do corpo e do sexo do homem. A escola aparece como um dispositivo de poder, onde não há um silêncio em relação ao sexo, sobretudo ao das crianças e adolescentes; muito pelo contrário, esse tema vem, ao longo da história, envolvendo os especialistas, pais e responsáveis e os próprios educandos.

Ao contrário de uma pedagogia exclusivamente higienista, onde a escola preocupa-se somente em formar soldados da saúde, hoje, a educação deve pautar-se em possuir uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento. Para isso, é necessário que ela esteja consciente que desempenha um papel importante na educação, para o desenvolvimento de uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar, que integra as diversas dimensões do ser humano.

Assim, é importante relacionar, através de uma avaliação os diferentes papéis da escola, referentes à questão da sexualidade para, dessa forma, termos claro o tipo de trabalho a ser desenvolvido para formar, com efetividade, cidadãos conscientes de si e do mundo.

Abordar a sexualidade significa compreendê-la como um agente de grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois, independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes em cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela

história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se, então, com singularidade em cada sujeito.

Trabalhar com sexualidade no processo educacional do Ensino Médio é estritamente necessário, devido ao período da puberdade, característica desta idade, suas mudanças físicas incluem alterações hormonais que, muitas vezes, provocam estados de excitação incontroláveis. É a fase das descobertas e experimentações em relação à atração e às fantasias sexuais. A experimentação dos vínculos tem relação com a rapidez e a intensidade da formação e da separação de pares amorosos.

Segundo Freud (1976), esta fase corresponde à fase final do desenvolvimento biológico e psicológico, onde meninos e meninas estão conscientes de suas identidades sexuais distintas e começam a buscar formas de satisfazer suas necessidades eróticas e interpessoais.

É uma questão bastante atual e presente no cotidiano de todos os profissionais da educação, a postura a ser adotada, dentro das escolas, face às manifestações da sexualidade dos alunos. Daí a necessidade de repensar uma proposta de trabalho, que legitima o papel e delimita a atuação do educador neste campo. Em conformidade com o que afirma Charbonneau (1979), há o reconhecimento de que a educação sexual passa pela educação do próprio educador, o que a caracteriza como um processo contínuo e constante.

A partir dessa concepção, entende-se que o educador deve ter, na sua representação, a estabilidade existencial, respeitar os indivíduos nas suas atitudes pessoais, nos seus posicionamentos, caracterizando que a sexualidade vem em prol do crescimento da pessoa e da sociedade. Segundo Vasconcelos (1971), ressalta que “não se trata de ensinar a sexualidade, mas de preparar as condições de desenvolvê-la no seu contexto pessoal...” (p. 110).

O professor transmite valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, na forma de responder ou não às questões mais simples trazidas pelos alunos. É necessário, então, que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com os jovens, na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato deste tema. Dessa forma, o professor deve entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens, e isto implica em verificar as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, referentes ao tema transversal, orientação sexual.

Ao atuar como um profissional, a quem compete conduzir o processo de reflexão que possibilitará ao aluno autonomia para eleger seus valores, tomar posições e ampliar seu universo de conhecimentos. O professor deve ter consciência sobre quais são os valores, crenças, opiniões e sentimentos que cultiva, em relação à sexualidade.

Outro fator a acrescentar, refere-se à necessidade de estabelecer uma relação de confiança entre alunos e professor. Para tanto, o professor deve mostrar-se disponível para conversar a respeito das questões apresentadas, problematizando, levantando questionamentos e ampliando o leque de conhecimentos e de opções, para que o aluno, por meio da reflexão, torne-se consciente e autônomo para tomar decisões a respeito da sexualidade e da vida.

Vários são os questionamentos que surgem a respeito das práticas docentes adotadas e a maneira de conduzir a educação sexual nas escolas, hoje: os docentes, realmente, estarão libertos das antigas concepções sobre a educação sexual? Como se sentem ao abordar o tema sexualidade? Que representações têm os professores do Ensino Médio, sobre sexualidade, na sua prática pedagógica? Que práticas docentes podem possibilitar o desenvolvimento na formação dos adolescentes? Que consciência os professores de Ensino Médio de

outras áreas entendem sobre educar sexualmente? Que pensamentos os docentes têm sobre sexualidade para atender aos objetivos traçados pelos parâmetros curriculares nacionais? Como os docentes interpretam a sexualidade trabalhada nas escolas por todas as disciplinas, como um contexto geral?

O presente trabalho busca identificar e discutir as representações construídas sobre sexualidade pelos docentes de Ensino Médio, que atuam nas escolas da cidade de Santiago, RS.

Através das entrevistas com os docentes e pelo suporte teórico fornecido por Foucault (1992, 2001, 2002), Freud (1976) Saviani (2001), Nunes (2001), Gomes (2002), Veiga (1997), Guimarães (1995), Stoll (1988), Kupfer (1989), Minayo (2000), entre outros autores estudados, espero:

- verificar o trabalho desenvolvido em Educação Sexual na ação cotidiana dos professores do Ensino Médio;
- categorizar os conceitos de sexualidade, presentes no espaço pedagógico;
- discutir concepções de Sexualidade que permeiam o trabalho docente no Ensino Médio.

1 REVISÃO DA LITERATURA

1.1 Sexualidade na história

O homem é um ser gregário por natureza, relaciona-se entre si e com ela, para assegurar sua própria existência. É, na ação, para produzir-se que o homem aprende a tornar-se homem. Inicia aí, a origem da educação. Saviani (2001), relata, em sua palestra no Congresso Nacional de Educação para o Pensar e Educação Sexual, conforme a Revista Brasileira de Filosofia – Filosofia e Educação Sexual, o seguinte:

(...) sendo a educação a formação do homem, entendida em seu conceito amplo, (...) o próprio processo de produção da realidade humana em seu conjunto. (...), considerando-se que a natureza humana não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza bio-física, (...), a educação, enquanto atividade intencional, consiste no ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens (p. 26).

Paulo Freire (2002), voltado para um pensamento sociológico, revela, em seus discursos, que o homem não se educa por si só e, também, não educa o outro, somente poderá se educar, quando inserido num contexto onde interage com seus semelhantes, ou seja, na coletividade.

Assim, nas relações com os homens, o objeto da educação é voltado à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos e a descoberta de formas adequadas para atingir esse objetivo. Portanto, a educação torna-se uma promoção do homem que, através de valores, os quais indicam as “perspectivas, as

aspirações que caracterizam o homem em seu esforço de transcender-se a si mesmo e à sua situação histórica”, conforme argumenta Saviani (2001, p. 27), em sua palestra.

Distingue, assim, aquilo que o homem *deve ser* e o *que é*. Então, a valoração é o próprio esforço empregado pelo homem em transformar o *que é* naquilo que *deve ser*. De acordo com a valoração, é possível definir objetivos para a educação. Como a educação visa à promoção do homem, são as necessidades sociais que irão determinar os objetivos educacionais.

Educar, hoje, é preparar a criança para dela fazer um homem, através de uma investigação ética. Investigar é empregar habilidades cognitivas básicas, como usar o raciocínio em classificar idéias, argumentar, atingir sua meta. É importante propiciar aos alunos, possibilidades de expressar suas inquietações e receber, do educador, condições para o seu desenvolvimento através de informações culturais e possibilidades significativas em questão.

Nunes, em palestra no Congresso de Educação para o Pensar e Educação Sexual, em julho de 2001, professa:

A Educação é (...) um fenômeno humano e social, com suas determinações históricas. Educar é produzir o Homem, construir sua identidade ontológica, social, cultural, étnica e produtiva. A Educação é o campo da ação humana e, conseqüentemente, toda a sociedade ou qualquer grupo social é uma agência educadora. Não se reduz educação à escolarização ou instrução. Educar é construir redes de significações culturais e comportamentos padronizados, de acordo com os códigos sociais vigentes (p. 45).

Dessa forma, o referido autor coloca a educação sexual como um “fenômeno da sociedade”, não destinando, portanto, essa tarefa como a

principal ação da escola. Ressalta, porém, que encontra nela um reforço institucional de suas bases sociais.

Numa reflexão sobre educação em que está contida a sexualidade, como elemento que permeia significativamente a subjetividade existencial, deverá fundamentar-se numa antropologia e ontologia, politicamente definida. Na dimensão ontológica da sexualidade, além de elementos de natureza íntima e subjetiva, também se encontram exigências de ordem externa, ética e política.

A sexualidade, uma realidade essencialmente humana, não poderá ser tratada somente como algo pertinente ao campo biológico-reprodutivo, que congrega homens, animais, plantas, todos os seres vivos. A educação sexual escolar retrata uma realidade voltada para explicações biológicas como a gravidez, os métodos anticoncepcionais, a amamentação, as doenças sexualmente transmissíveis. Dessa forma, na maioria das vezes, as crianças e adolescentes são conduzidos para esse tema e induzidos a questionar e a responder de acordo com o padrão de conduta e moral, que são tão fortes e vigentes, impregnados de significações histórico-social e cultural dos indivíduos.

Numa forma de esclarecer-se e constituir-se como se dá a *procura de si tomada em relação ao outro e si por si*, segundo Foucault (2002), o jovem procura meios como conversas silenciosas e fortuitas no recreio, nos “cadernos de perguntas” que passam de mão em mão, guardando seus segredos e, atualmente, os chats (bate-papo) inscritos nos sites da internet. Assim, Nunes (1997) ressalta:

Cada vez mais a sexualidade se vê tratada como objeto, no submundo social, nas rodas de amigos, geralmente desinformados quanto enquadrados no perfil da ignorância, proibição e temor que o sistema cria e educa. Cada vez mais o consumismo e a pornografia se alastra alimentando adolescentes,

jovens, adultos e velhos com a sua superficialidade grotesca e objetual, (...) (p. 11).

A questão da Educação Sexual é uma tarefa bastante polêmica. Ela provoca, nas escolas, a definição de dois grupos: aquele conservador, enfatizando a “responsabilidade” com que é tratada a questão, e outro, mais liberal, que demonstra a urgência na questão. Isto é, nós estamos submetidos a uma educação sexual desde que nascemos, e isto implica em retomar alguns recursos metodológicos: a história, a antropologia, a moral e a evolução social. Não temos uma “linguagem” para a sexualidade, somente uma linguagem tradicional, depreciativa estereotipada, freqüentemente, vulgar. É necessário, urgentemente, construí-la e recriá-la, de forma mais humanizada, afetiva e significativa.

As concepções sobre sexualidade variam conforme sua natureza social, histórica e política. Apesar da simplicidade do sexo, nossa sociedade estabelece como uma visão de algo vergonhoso, impuro, feio. Contrário aos pensamentos de Rubem Alves (1999) que denomina:

Sexo é coisa muito simples. Eu explico os essenciais em poucas linhas (...) Pra se entender sexo há de se entender a música que ele toca. (...) A música que o corpo quer tocar se chama prazer. (...) Os instrumento da orquestra-corpo são seus órgãos. (...) todos têm uma utilidade. Além disso, esses mesmos órgãos e membros são lugares de prazer. (...) Entre esses órgãos da orquestra-corpo estão os órgãos sexuais. Não há nada de especial que os distinga dos outros. Como os demais órgãos eles são fontes de prazer. (...) Complicados são os pensamentos dos seres humanos sobre ele (sexo). Os homens por razões que não entendo, passaram a considerar o sexo uma coisa vergonhosa (p. 91-96).

Assim, podemos caracterizar a Educação como um fenômeno humano e social, onde o homem constrói sua identidade social, cultural, étnica e produtiva.

Verificamos, através dos relatos anteriores, que o indivíduo precisa receber uma educação que realize sua verdadeira emancipação humana, para tornar-se um cidadão consciente e responsável, que tomará como seu próprio, o ideal da sociedade em que está inserido.

A sexualidade se constitui como uma das mais complexas dimensões da condição humana que se instala desde dos tempos primitivos. Principalmente, quando há como requisitos básicos uma concepção do mundo das relações sociais e dialéticas, em que compreende a realidade como processo, ou seja, com permanente transformação do homem na sua individualidade e na sociedade.

Cronologicamente, podemos verificar essa dimensão da condição humana desde as divisões da pré-história. Destaca-se o período paleolítico, subdividido em paleolítico Inferior (30 a 10 mil a.C.) e Paleolítico Superior (10 a 4 mil a.C.). Nesse período, o homem vivia em bandos nômades, dedicados à caça e à coleta de frutos e raízes. Paralelamente, o homem observou o tempo, dominou o fogo, classificou os vegetais e as regiões por onde passava. A vida, em sociedade dos hominídeos do Paleolítico, é descrita segundo o historiador Campos (1981), que assim expressa:

As comunidades do Paleolítico possuíam um certo grau de sedentarização, (...) para os grandes empreendimentos de caça, deve ter gerado, no final do período, o aparecimento dos primeiros clãs, famílias extensas onde várias gerações se sobrepõem. Os clãs do paleolítico eram matriarcais, uma vez que os homens, em sua atividade de caçar, viviam se deslocando mais constantemente, deixando às mulheres toda e qualquer forma de governo familiar (p. 5).

Observamos, nesta citação, a importância que esse período trouxe a nossa cultura, valorizando a mulher, como elemento feminino, materno, procriador e organizador da sociedade primitiva. O matriarcalismo, segundo Campos (1981), por milhares de anos, constituiu o primeiro elo civilizador e mantenedor do clã primitivo, eram as mulheres que detinham a observação, experimentação e pesquisa de novas tecnologias e subsistência na produção de vida.

Essa propriedade coletiva era organizada pela divisão sexual do trabalho. Reed (1980, p. 50-51) ressalta que as mulheres, através das experiências, fundaram e consolidaram o "primeiro grande coletivo humano". Elas foram as primeiras trabalhadoras e lavradoras, primeiras cientistas, doutoras, arquitetas e engenheiras; as primeiras professoras, educadoras e artistas, e transmitiram a herança social e cultural. A importância do matriarcado gerou uma representação simbólica que era expressa pela religião, crenças e lendas. Conseqüentemente, a sexualidade era vista como sagrada e divina, envolvida por uma significação mítica. Surgiram, nesse período, as primeiras manifestações artístico-culturais do homem (pinturas de caças ou referentes atividades de caçadores) nas cavernas e, também, as belas esculturas humanas, entre elas: a Vênus de Willendorf, retratando o corpo feminino, com as nádegas e seios avantajados, como um "ícone religioso cúltico".

Esta representação "cúltica" firmou-se, no período Neolítico (9000 a.C), por questões de transformações na natureza, aumento de populações, descoberta da pedra polida, tornou a caça e a pesca escassa, obrigando os homens a se tornarem sedentários, havendo a substituição para o pastoreio e a agricultura. Dessa forma, surgiu novo grupo, os homens tomaram as rédeas da sociedade destituindo o matriarcado, consolidando o poder patriarcal. Os homens constituíram as representações simbólicas do poder masculino, controlaram o poder, os

exércitos, as formas de defesa, luta e guerra, o poder ideológico, as funções religiosas, as mágicas e as sacerdotais.

A sexualidade mítica e matriarcal esteve presente em algumas comunidades indígenas da América, África e Oceania. Mead (1979), em 1950, estudou três sociedades distintas na África: os Arapesh, os Mondugumor e os Tchambulli, variando o “masculino” e “feminino” entre as culturas, formando diferentes funções sociais e representações simbólicas. Os Arapesh, homens e mulheres, são ternos, maternais, calmos e dóceis, organizam-se sem diferenças entre dois sexos tanto no trabalho como na educação das crianças. Entre os Mondugumor se constrói um processo educativo de crianças e adolescentes calcado num modelo masculino e feminino, agressivo e violento. São indivíduos autônomos, implacáveis e soberanos em suas atitudes, sem contraste entre os sexos e dividem as funções administrativas. Nos Tchambulli, o homem é, emocionalmente, dependente e submisso, dócil, frágil, e assume as atividades de limpeza, conservação da tribo e das crianças. Aí, aparece a prática da prostituição masculina. As mulheres são fortes, detentoras do poder, dirigem as tribos, a produção, o pastoreio, a vida social tribal e controlam a religião e a força. Portanto, a regulamentação do comportamento sexual dos indivíduos é determinada pela estrutura social e cultural.

A forma tradicional e oficial do convívio sexual, da procriação, transmissão do nome e da propriedade iniciou no Ocidente. O casamento monogâmico cristão foi defendido como um valor imutável e eterno no primeiro milênio. Os antigos hebreus adotavam a poligamia, enquanto os gregos e romanos, a monogamia mais tarde acentuada pelos bárbaros, pois estava relacionada à estrutura do poder sócio-econômico e não à vivência da sexualidade. O cristianismo passa a adotar a monogamia patriarcal grego-romana, abandonando a poligamia hebraica, ocasionada pelo confronto entre as duas culturas.

Em algumas sociedades, há diferenças quanto à estrutura e a função do casamento. Entre os Nahagar, na Índia, a adolescente, após a primeira menstruação, casa “espiritualmente” com um homem, recebendo um colar como sinal oficial de propriedade, mas não vive com ele. Esta volta à casa dos pais, podendo ter relações sexuais com vários homens e todos os filhos que vir a ter serão do seu “marido ritual”. Este tipo de casamento tem a finalidade de legitimar os filhos. No Caribe, a maior parte da sociedade humana, segundo Nunes (1997) a poligamia (matrimônio e um com muitos) é tida como normal, um pequeno percentual dos grupos adota a monogamia (matrimônio entre duas pessoas). A poliandria (uma mulher com dois ou mais maridos) é pouco comum, mas encontrada em alguns lugares do mundo, principalmente, na África e Índia. Na maioria das sociedades do mundo, um casamento pode terminar por divórcio ou ritual de separação.

Nesta perspectiva transcultural, relacionam-se outras curiosidades nas sociedades como: pelo alto preço do dote, vários irmãos têm uma esposa em comum; o menino tem a primeira relação sexual com a mãe. No Egito e entre os incas, os imperadores ou faraós, para manter o poder na própria família, casavam com suas irmãs (Cleópatra casou com seu irmão que era ao mesmo tempo seu tio). A questão do incesto entre pai e filha, mãe e filho, que, em algumas sociedades têm regras proibitivas, em outras são costumes permitidos e exigidos socialmente. Hoje, o casamento não serve como referência social para a sexualidade e procriação. Essas leis e regulamentos são dinâmicos, culturais e condicionados a interesses, crenças e costumes.

Segundo Nunes (1997), por volta do 8º milênio a.C ao 5º milênio a.C, no Oriente Médio, inicia-se e estrutura-se o mundo patriarcal. A Bíblia, numa linguagem de significação mítica, relata claramente, o estágio do patriarcalismo entre os hebreus explicitando as concepções machistas. Por exemplo, “Deus cria a mulher da costela do Adão”,

simbolicamente representando a dependência, instituindo o homem como “o senhor de todas as coisas”. Entre os hebreus, os homens tinham funções de sacerdotes, produtividade e administrativas (militares), enquanto as mulheres eram relegadas a um “ser inferior” ao homem não podendo participar ativamente da religião. A mulher era discriminada, semi-escravizada pelo marido, pai ou senhor, sua menstruação era tida como impureza e a adúltera era apedrejada. Era comum o dote na “compra” de sua esposa, e também a poligamia (como o caso de Jacó, ou Israel, prestando serviços a Labão, resgata duas esposas e suas escravas: Lia e Raquel).

Os hebreus, impedidos de sua evolução normal pela perda de sua identidade territorial, dominados e ameaçados pelas potências, cristalizaram suas instituições básicas fundamentais, estratificando seu patriarcalismo e outras instituições religiosas de realce. O patriarcalismo nos hebreus estava refletido nitidamente na estruturação jurídico-religiosa, confirmando a supremacia dos homens sobre as mulheres, nos Dez Mandamentos de Moisés em que um deles diz: “Não cobiçarás a casa de teu próximo, não desejarás a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença a teu próximo” (Ex. 20,17). A sanção da lei não era moral, era econômica. Então, submetia a mulher como “propriedade” do homem ao mesmo nível dos servos, bois, jumentos que eram animais economicamente valiosos. O Antigo Testamento revela várias concepções retratando a mulher sob a hegemonia masculina, como por exemplo: “Teu marido te dominará” (Gn. 3, 18). Nos textos bíblicos, verifica-se o privilégio dos homens e a subserviência da mulher, tendo como virtudes ideais a submissão, a contenção e a obediência.

Em Israel, o matrimônio poligâmico, era de ordem familiar, através de contratos entre senhores, sem ouvir a moça, destinava-se um preço. A mulher era negociada e, após pagar o dote, tornava-se propriedade do

homem, com fim imediato à procriação, os filhos eram tidos como bênção de Deus, sinais de riqueza e abundância. Havia severas leis de normatização sexual, o incesto era proibido. A concepção da mulher hebraica tem raízes, na Mesopotâmia e regiões intermediárias do Mediterrâneo.

Historicamente, conforme afirma Nunes (1997), o único grupo em que a mulher possuía igualdade com o homem era em Creta, onde era cultuada como “Deus-Mãe”, marcada pelos ritos de louvor à fecundidade da agricultura. Elas eram sacerdotisas elegantemente vestidas, e a vida social era marcada pelo lúdico: festas, jogos e danças.

Para os gregos, a sexualidade estava em sua cultura misturada com seus deuses, sua religião e seus conhecimentos. O casamento era à semelhança dos hebreus, as relações sexuais eram deveres sociais, com fins econômicos e legitimação dos herdeiros. A mulher pertencia ao marido e era proibida de manter outras relações sexuais sob a pena de se punida. O marido grego tinha outras características, nada lhe era proibido: podia ter mais de uma ligação, freqüentar prostitutas, ser amante de um rapaz, sem contar os escravos homens ou mulheres que tinha a sua disposição em sua casa. Uma representação das mulheres gregas está contida na composição da música de Chico Buarque de Holanda, as “Mulheres de Atenas”.

Aristóteles dedicou estudos sobre as relações entre os sexos, descreve o acasalamento dos animais e do homem. Sua doutrina sobre a associação entre homem e mulher traz muita influência para São Tomás e todas as concepções medievais. Com o mito da complementaridade sexual, Aristóteles justifica e legitima a forma patriarcal sobre a mulher. Há uma conduta de bissexualidade entre os gregos, com toda uma “sabedoria”, a qual Nunes (1997) referenda:

(...) uma ciência sobre o amor dos rapazes, normas de cortejo, amor, sedução, comportamento e assédio. As virtudes e a honra do rapaz estão presentes na educação sistemática e são objetos de uma lenta prescrição de comportamentos. Já sobre o amor feminino, sem cortejo, figura ideal e assédio, há um relativo silêncio, próprio de um sistema que se baseia no exacerbado culto do homem e seu *phalós* (p. 74).

Na Grécia Antiga, séc. V a.C., Hipócrates, Platão e Aristóteles fizeram extensas observações e elaboraram as primeiras teorias relativas às disfunções sexuais, reprodução, contracepção, aborto, legislação sexual e ética sexual, podendo ser considerados os legítimos pais da sexualidade.

No Novo Testamento, está fundamentada a doutrina cristã sobre sexualidade, através de Paulo, judeu-grego convertido ao cristianismo. Paulo condenava a homossexualidade, o adultério, a fornicação e a prostituição, pregava a indissolubilidade do casamento. Propôs preceitos sexuais que refletissem a “pureza” dos cristãos diante dos pagãos da época. Consolidou-se outra fonte da moral sexual primitiva, a patrística, que vem em defesa da fé e conversão dos não cristãos, com o fim de compreender a natureza de Deus e da alma e os valores da vida moral. A patrística é uma filosofia dos Padres da Igreja, usada para a conversão dos povos pagãos da época ao cristianismo, é reforçada a partir de lenta influência e incorporação da moral e da filosofia, levando uma lenta assimilação do neoplatonismo e do estoicismo individualista ascético e negativista. Nas obras de Santo Agostinho, cuja doutrina resume toda a moral sexual dos Santos Padres, com forte tom maniqueísta, onde registra que a sexualidade é uma qualidade má, fruto do “pecado” do homem, o casamento tem fim único de procriação e todo o ato sexual é pecaminoso fora deste propósito.

A sexualidade, na Idade Média, tinha uma visão extremamente negativa, que se fazia presente com base na cultura das tradições cristãs,

como: o patriarcalismo; o dualismo platônico; o estoicismo moral; maniqueísmo agostiniano que via na sexualidade a fonte de todos os pecados; o celibato e a virgindade.

A partir do século XII, a *confissão* começou a ter uma significação profunda para os cristãos, de início aos pobres e depois, através das inúmeras ordens religiosas missionárias. Apesar da rigidez das doutrinas no controle de manifestações da sexualidade entre os povos, ocorreu a crise e a decadência dos pressupostos patrióticos dos padres da Igreja. Libâneo, em seu livro *Pastoral numa sociedade de conflitos*, 1982, comenta que, no final da Idade Média, as fantasias humanas geradas pelos mecanismos de enquadramento ideológicos da época, não tinham limites na sua criatividade, quando arrasadas pelo medo. As representações dos demônios e do inferno, criadas pelo medo, revelavam o inconsciente repressivo em matéria sexual.

Nos séculos XV e XVI, durante o Renascimento, nasceu a Contra-Reforma, dando origem à “identidade tridentina” da Igreja, ou seja, uma face reformista incorporada à própria Igreja. Esse período caracterizou-se pela busca de prazeres e alegrias do mundo. Distinguiu-se o luteranismo do tridentismo: o luteranismo visava uma moral agostiniana, regulando a sexualidade no nível procriativo, o “princípio do prazer” era regulado em nome do “princípio da realidade”, porque o sexo seria um grande inimigo do trabalho. O Concílio de Trento decretou que todos os pecados mortais deviam ser confessados, mesmo os mais secretos e vergonhosos. Instituída a confissão tridentina, o ideal de “consciência” luterano promoveu um imaginário moral-social.

As Escolas Médicas, nos séculos XVI, XVII e XVIII, eram estimuladas ao renascimento das pesquisas em anatomia. No período do séc. XVIII, conhecido como iluminismo, desencadeou discussão sobre ética sexual e foram produzidos os primeiros programas de educação

sexual pública e privada, assim, como novas documentações e classificações do comportamento sexual.

Todo o movimento repressivo da sexualidade começou a modificar-se com as próprias transformações do mundo capitalista do século XIX. Neste período, surgiu o conceito de sexualidade, numa nova abordagem sócio-cultural, estendida para as áreas de biologia, medicina, história, antropologia, conduzida por estudiosos como Darwin, que revoluciona os conceitos básicos das ciências naturais. Muitos aspectos da sexualidade eram classificados como doenças mentais ou perversões.

Nunes (1997) conceitua com otimismo, a sexualidade na atualidade, com o seguinte pensamento:

Quando o homem encontra-se outra vez diante de seus semelhantes de maneira transparente e confiante, sem as máscaras de uma cotidianidade massacrante, sem receios de uma violência simbólica inibidora, poderemos retomar as vivências abertas de uma nova antropologia do prazer. A ética da contemplação, do desejo comedido e profundo, dos encontros indiscreíveis entre essência e subjetividade plena será marcada por novas liturgias e novos rituais de amor, confiança, dignidade e (...) (p.111).

Uma nova sociedade requer a reestruturação desta, uma nova identidade de relação, no campo da sexualidade, passa pela negação das relações vigentes. Assim, recupera-se um espaço e cria-se uma nova ideologia.

1.2 Foucault: sexualidade e a rede de poderes

Vivemos num ambiente em que os discursos sobre sexualidade se entrelaçam em todas as esferas de nossa vida cotidiana. Conseqüentemente, encontramos-a envoltas em valores morais, determinadas e determinantes de comportamentos, usos e costumes sociais, que dizem respeito aos indivíduos.

Na tentativa de estabelecer uma compreensão mais profunda da sexualidade e da rede de poderes, buscamos, através da análise dos estudos de Foucault, alguns referenciais que auxiliem no entendimento do que está entre o pessoal e o social, onde se articulam o ser e o existir individual e coletivo.

A sexualidade e os dispositivos saber e poder são elementos que contribuem para discussão desse tema nos processos de subjetivação dos indivíduos que fazem parte desse meio.

Nessa perspectiva, o autor defende que a sociedade quer controlar essa sexualidade, não fazendo uso da repressão, mas, a partir do saber/poder. Quem detém o “saber” exerce o “poder” sobre quem não sabe, configurando-se enquanto dispositivo de poder normalizador sobre o indivíduo e a sociedade. Então, conclui-se que a história de um povo é rica de subsídios normatizadores e de influência significativa na formação dos sujeitos.

Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir*, 1993, e *História da Sexualidade I - a Vontade de Saber* (2001), introduziu, nas análises históricas, a questão do poder como um instrumento de análise capaz de explicar a produção dos saberes, mesmo que para ele não exista uma teoria geral do poder. O que significa dizer que suas análises não consideram o poder como uma realidade que possua uma natureza, uma essência que ele procuraria definir por suas características universais. O poder, para o autor, revela unicamente formas ímpares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, construída historicamente.

Foucault (2001), tematiza o poder não como uma dominação global e centralizada que se pluraliza, se difunde e repercute nos outros setores da vida social de modo homogêneo, mas com existência própria e formas específicas ao nível mais elementar.

A idéia do autor é mostrar que o poder produz: o real, o domínio de objetos e rituais de verdade. Possui uma eficácia positiva, uma estratégia, uma positividade. Assim, configura-se não como uma função repressiva, que expulse o homem da sua vida social, e sim passa a gerir a vida dos homens, aproveitando suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo de suas capacidades.

Suas análises são significativamente representativas e inovadoras sobre a temática, como ele mesmo se refere sem ser definitiva, mas esclarecedora com relação à rede de poderes e às implicações no sujeito, proporcionando, ao indivíduo, o desafio em relação às mudanças, novas produções de conhecimentos, de relações de vidas, de uma nova sociedade.

A sexualidade começa no início da vida. Não se pode considerá-la como uma forma de conhecimento, será muito precoce, pois esse conhecimento faz-se de forma a buscar a satisfação e o desejo por prazer. Assim, a sexualidade é a primeira condição para a curiosidade humana, instalando-se forças para a aprendizagem. A sexualidade se configura como uma dimensão ontológica essencialmente humana, onde estão presentes elementos de natureza íntima e subjetiva integrada as exigências de ordem externa, social, ética e política.

Com base histórico-ontológica da dialética, a história humana é natural à existência de indivíduos, portanto, constata-se a organização corporal desse indivíduo e as necessidades de suas relações com a natureza. A trama das inter-relações institui uma relação dialética entre os indivíduos, constituindo-se um homem, reflexo de suas vivências histórico-cultural e social. A sexualidade tem uma história, história de

idéias, de práticas sociais, ou seja, um efeito de instituição ampla que liga o conhecimento, poder e prazer às práticas cotidianas.

A sexualidade e o dispositivo saber/poder estão relatados em obras de Michel Foucault, o qual justifica situações do indivíduo como elemento integrante da sociedade capitalista. Em suas teses, a sociedade capitalista não reprimiu o sexo, ao contrário, é incitado a manifestar-se e a falar da sexualidade. A vontade de saber da nossa sexualidade, opiniões e pensamentos instituídos pela mesma, torna-se uma forma de controle disciplinar do corpo na sua individualização e, conseqüentemente, da população (2001, p. 131).

Foucault (1992), em sua análise sobre tecnologias sociais, diz que elas se configuram enquanto tecnologias de poder, principalmente, com relação ao corpo. Sua arqueologia explicita, claramente, que esse poder, para ser exercido, se constitui em vários mecanismos como de punição e olhar panóptico. A esses mecanismos, o autor da História da Sexualidade denominou dispositivo de poder, o qual se distancia da visão tradicional de poder centralizado no Estado e na Lei. Assim, a sexualidade como dispositivo histórico de poder se manifesta em todos os indivíduos, pelo controle e pelas punições que são impostas caso não estejam de acordo com as normas da sociedade.

Além disso, existem outros poderes e outros saberes, e quem detém o saber exerce o poder sobre quem não sabe. Por exemplo, o poder da fala tem caráter normatizador sobre o indivíduo e a sociedade. O poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona, como espécie de máquina social, que não está situado em lugar privilegiado, mas que se dissemina por toda a estrutura social.

A sexualidade como um dispositivo histórico de poder, instaura-se, numa rede de discurso, que não se traduz em uma suposta liberação e afirmação positiva da própria sexualidade, historicamente reprimida, e sim

a um crescente processo de estímulo controlado, sublimado, capaz de fornecer variante à repressão.

Para Foucault (1992), a visão de poder, “jurídico-discursivo”, exercido pela repressão, é uma forma terminal de poder, ou seja, uma micropolítica de poder que faz com que o Estado e a lei possam atuar. Devido às desigualdades na correlação das forças existentes, na sociedade em geral, estamos continuamente em estados de poder sempre localizados e instáveis. Portanto, o “poder está em toda a parte, não porque englobe tudo, mas porque provém de todos os lugares” (Foucault, 2001, p. 89).

O dispositivo do poder disciplinar que compreende saberes, poderes e instituições reconstituem todos os domínios da vida humana. Estabelece, então, uma nova tecnologia de poder. Foucault caracteriza o dispositivo como um conjunto de práticas discursivas e não discursivas, podendo ultrapassar as instâncias jurídicas de poder. Estas discursividades são articuladas às táticas e aos objetivos do poder.

Dessa forma, através da teoria posta e das ações práticas, dispositivos se impõem na sociedade, normatizando a vida do indivíduo e, conseqüentemente, de todo o corpo social, construindo o cidadão necessário a ela. Foucault entende, assim, que a escola, o quartel, o hospital, a prisão são microespaços de poder, onde o dispositivo se faz presente. Portanto, a sexualidade é um dispositivo histórico muito concreto de poder.

A sexualidade, como um dispositivo histórico de poder, se institui nas mais variadas relações de poder existentes na sociedade, do pai para o filho, do homem para a mulher, do professor para o aluno, do médico para o paciente, do governo para população, etc. Portanto, a sexualidade é um dos maiores instrumentos de poder, utilizável para muitas manobras, articulando as mais variadas estratégias. Dessa forma, a sexualidade

mostra ser um dos elementos mais eficazes de controle sobre o sujeito e a sociedade.

Dentro desse dispositivo, imperava o discurso da “confissão”, para que os pecados dos indivíduos fossem perdoados, pautados nos “pecados da carne”, muito utilizado na Idade Média. Esse discurso tomou consistência e levou as instituições e as ciências atuais a buscarem respostas para a questão. Cada uma respondeu, na sua lógica, a visão teórica, que até então, não passava de fato cotidiano. Para Foucault (2001), nos últimos séculos, esse discurso foi aos poucos sendo rompido pelo discurso científico.

O poder se exerce por relações de força, por redes que se estabelecem em um espaço polivalente com multiplicidade de resistências. Todas as pessoas são dotadas de poder e sofrem suas ações que perpassam aos indivíduos. É um jogo de forças, de lutas presentes em toda sociedade. O interessante, nos tempos modernos, é que os poderes produzem práticas, instituições, objetos, sujeitos e estados de verdade.

O poder que reprime é o mesmo que cria e institui prazeres e saberes, pois, onde há saber, há poder. Entretanto, onde existe poder, há resistência. O poder está na sociedade, está em cada um de nós e, também, materializa-se pela resistência, de diversas formas que se articulam em redes de lutas sociais e mesmo individuais. O poder é quem forma, cria, delimita, individualiza, disciplina e, ainda, proíbe e determina o campo de ação do indivíduo, pelos pontos de resistências instaurados.

Dessa forma, o dispositivo da sexualidade vem atuando sobre os indivíduos e a sociedade em geral, segundo Foucault (2001), como:

(...) uma grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos

conhecimentos, os reforços dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (p. 100).

Então, o dispositivo poder/saber configura-se na produção de um fato discursivo global, tecnologia de poder que apresente efeitos plenos de positividade e uma vontade de saber.

Essa vontade de saber, enquanto dispositivo de poder, é um poder que controla o corpo, mas também as idéias, e constituem-se elementos de controle utilizados pelas políticas públicas governamentais e, por esse meio, prescrevem o certo e errado, através da educação e de suas leis técnicas e silenciosas.

Na sociedade moderna, a “*scientia sexualis*”, disciplinou os corpos e os discursos, instituindo a regra do lícito e do ilícito, do proibido e do oficializado, do secreto e do perverso. A interdição funciona como mecanismo de regulamentação, delimitando o que se deve saber, fazer, falar ou evitar, controlando o desejo pela censura e as práticas pelo medo.

O dispositivo de sexualidade, “*scientia sexualis*”, permitiu compreender as disciplinas das relações matrimoniais, a pedagogização do sexo infantil e a histerização do corpo da mulher. Então, tais dispositivos estariam definindo o poder da palavra sobre a disciplinarização da sexualidade ocidental e a psiquiatrização do prazer perverso, realizado pelas Ciências Médicas e Humanas.

É pela “*scientia sexualis*” que nosso sexo é administrado, não pela força da lei, mas por discursos úteis e públicos, pela norma. O sexo faz parte da saúde pública, pois passa por uma questão de foro íntimo a domínio público.

Então, Foucault (1992) ressalta que não há uma repressão sexual na nossa sociedade, pois nunca se falou, se discutiu, se escutou, se

estudou sobre sexo. Até o silêncio sobre ele representa uma estratégia de controle do dispositivo de sexualidade. O silêncio, nesse caso, fala e muito significa.

A sociedade está em constante transformação. E essas transformações refletem-se nos valores, nos comportamentos, nas formas de relacionamentos, nas novas tecnologias, nos diferentes veículos de comunicações, enfim, em todos os aspectos do mundo moderno. Então, homens e mulheres, sujeitos ativos deste contexto, constituem as mudanças dessa sociedade. Principalmente, quando há como requisitos básicos uma concepção do mundo e das relações sociais e a dialética, que compreende a realidade como processo, ou seja, com permanente transformação do homem na sua individualidade e na sociedade.

A sexualidade se constitui como uma das mais complexas dimensões da condição humana que se sedimenta de significações historicamente apropriadas. A sexualidade abordada em uma dimensão histórico-filosófica requer definir sua natureza híbrida, permeando significativamente a subjetividade existencial e a realidade de nossa dimensão política. Na dimensão ontológica da sexualidade, estão presentes elementos de natureza íntima e subjetiva. Também, aí se encontram exigências de ordem externa, social, ética e política.

Ao trazer a noção de “dispositivo”, Foucault (2001) nos mostra outra visão para a questão da sexualidade na sociedade que não se limita à repressão. A origem do saber está na busca do poder e todo o saber garante um exercício de poder. Hoje, constata-se que, sendo o saber restrito a alguns, passa a ser privilégio de poucos, excluindo a maioria de conhecer.

Cria-se uma rede discursiva de saber/poder, regulando e criando normas de comportamento aceitáveis, como o que é certo e bom para o indivíduo e a sociedade. Assim, a sexualidade aparece como um dispositivo de poder normalizador.

Nesta normalização da sociedade, o sexo é colocado, numa rede discursiva de conhecimento, como algo de poder e saber, tornando-se elemento essencial do dispositivo de sexualidade e abrindo caminho para o campo da psicanálise.

Os estudos de Foucault trouxeram componentes que revelam as relações entre poder e sexualidade. Tornam-se públicas as relações de dominação, como a violência e a denúncia dos componentes perversos do exercício da sexualidade.

Ao denunciar discursos relacionados ao sexo e à sexualidade dos indivíduos, revelaram-se saberes e desvendaram-se segredos, ampliou-se uma rede de poder e de controle que não se tem mais consciência do início e do final. Portanto, ao constituir um segredo, um saber e uma liturgia nova, a sexualidade, hoje, cria novas teias de poderes.

Segundo Foucault (1992), não há saber neutro. O fundamental da análise é que o saber e o poder se implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, todo o saber constitui novas relações de poder.

1.3 Educação sexual e representações sociais

Educar, hoje, é preparar o indivíduo dentro de uma investigação ética. Quando se faz uma investigação, emprega-se uma série de habilidades cognitivas, muitas elementares, como usar o raciocínio de classificação de idéias, de argumentos, pontos onde se quer chegar. Então, vemos a importância de propiciar, aos alunos, possibilidades de expressar suas inquietações e de o educador, pensar condições para seu desenvolvimento, através de informações com interpretações culturais e suas possibilidades significativas sobre o assunto em questão.

Nunes, em sua palestra no Congresso de Educação para o Pensar a Educação Sexual (julho de 2001), expõe:

Educação é um fenômeno humano e social, com suas determinações históricas. Educar é produzir o homem, construir sua identidade ontológica, social, cultural, étnica e produtiva. A Educação é o campo da ação humana e, conseqüentemente, toda a sociedade ou qualquer grupo social é uma agência educadora. Não se reduz educação à escolarização ou instrução. Educar é construir redes de significações culturais e comportamentos padronizados, de acordo com os códigos sociais vigentes (p. 45).

Assim, Nunes (2001), coloca a educação sexual como um “fenômeno da sociedade”, não destinando, portanto essa tarefa, como a principal ação da escola, ressaltando, porém que encontra nela um reforço institucional de suas bases sociais.

Vasconcelos (1971), posiciona-se sobre a investigação significativa e crítica da sexualidade:

(...) uma educação sexual não pode prescindir, inicialmente, de um questionamento crítico das noções sexuais correntes. Porque, decididamente, não se trata de ensinar a sexualidade, mas de preparar as condições de desenvolvê-la em seu contexto pessoal, de criá-la. E não se preparam condições, se não em uma perspectiva criativa, de dar condições a uma elaboração pessoal (p. 110).

Segundo Foucault (2001), a escola aparece como um “dispositivo de poder”. O autor relata que, no século XVIII, a sexualidade do indivíduo era vista como um problema público. No século XIX, o indivíduo, como “corpo social” é dotado de um “corpo sexual”, significando, então, que o dispositivo da sexualidade atuava em toda a sociedade. No final do século, refere-se à ação da burguesia, que:

(...) vai procurar redefinir a especificidade da sua sexualidade em face dos outros (...) o que fará a diferença será a interdição. (...) A teoria da repressão, que pouco a pouco vai recobrir todo o dispositivo de sexualidade, dando-lhe o sentido de uma interdição generalizada, tem aí seu ponto de origem (p.120).

De certa forma, o educador utiliza-se do conhecimento da teoria da repressão, que surge pelo dispositivo da sexualidade. Por isso, para Foucault (2001), é preciso libertarmo-nos dela, para não estarmos atrelados a esse dispositivo, dificultando o desenvolvimento do indivíduo como ser integrante de uma sociedade.

Atualmente, vê-se que a educação sexual pode valer-se da psicanálise como uma teoria de suporte. Embora Freud (1976) não ressalte profundas relações da psicanálise com a pedagogia, aborda essa temática, na qual a transformação da sexualidade infantil é um dos fins da educação e é imposta pelo meio, “mundo exterior”, portanto, também, pelo educador. Está aí o papel da escola, como um dos contribuintes no desenvolvimento do indivíduo.

Freud (1976), em seu discurso, registra que a frustração das pulsões vivenciadas pela criança, a impossibilita de estar em liberdade para seguir, sem restrições, alguns de seus impulsos. Da mesma forma, a educação interfere pela sua ação de inibir, proibir e subjugar. Essa inibição das pulsões traz o perigo de enfermidades neuróticas. Portanto, a educação tem que buscar caminhos para resolver o impasse entre a escolha do desejo e a escolha do proibido. Vemos, portanto, que a sexualidade tem que ser trabalhada de forma que os interesses substitutivos proporcionem satisfações afetivas, influências decisivas sobre o desenvolvimento dos poderes intelectuais.

No que se refere à legislação atual, foram estudadas políticas nacionais para educação, as quais são desencadeadas e consolidadas pelo MEC – Ministério da Educação, na definição dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs e estabelece mais detalhadamente a inclusão da sexualidade como um dos temas transversais, assim, como as concepções de orientação e educação sexual.

O saber docente se constitui de vários saberes com os quais mantêm diferentes relações. Segundo Tarde (2002), os saberes profissionais que são aqueles transmitidos pelas instituições de formação de professores, não se limitam a produzir conhecimentos, mas a incorporá-los à prática do professor. A prática docente não é apenas o saber das ciências da educação, é uma prática que mobiliza outros saberes chamados pedagógicos. Esses saberes se apresentam com doutrina ou concepções reflexivas, racionais e normativas sobre a prática educativa e conduzem a um sistema de representações e de orientações de atividades educativas.

Segundo Minayo (1998), as representações sociais são concepções reproduzidas “de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento” (p. 89). Também, são conceituadas como categorias de pensamentos que expressam a realidade, e essas concepções atravessam a história e as diversas correntes de pensamentos das relações sociais.

A representação social, também, usada no sentido de Representações Coletivas, conforme Durkheim (1978), são categorias de pensamento, que evidenciam a realidade elaborada por determinada sociedade.

Embora Durkheim (1978) reconheça que o “substrato social” é a base das representações, as quais, muitas vezes, exercem uma espécie de coerção das “representações sociais históricas” determinando a atuação no fazer pedagógico. Define, assim, as representações coletivas:

As representações coletivas traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. (...) precisamos considerar a natureza da sociedade e não a dos indivíduos. Os símbolos que ela se pensa mudam de acordo com a sua natureza (...). Se ela aceita ou condena certos modos de conduta, é por que entram em choque ou não com alguns de seus sentimentos fundamentais, sentimentos estes que pertencem a sua constituição (p. 79).

O docente, quando expressa o seu fazer pedagógico, está imbuído de uma conduta que corresponde a diferentes formas e condições, conforme o meio e a situação em que viveu. Então, os discursos dos docentes sobre sexualidade estão representados nas suas falas ou atos que exprimem, simbolicamente, seus costumes e instituições, através da linguagem, da ciência, da religião, das regras familiares das relações econômicas e políticas.

Não há uma época para iniciar a educação sexual, pois desde que nascemos somos seres sexualizados. Então, quando nós, professores, ou qualquer outra pessoa, apresentamo-nos diante de uma classe de escola para uma tarefa qualquer, apresentamo-nos integralmente. Nessa pessoa que somos, a sexualidade é um fator fundamental. Do contrário, faremos uma educação sexual baseada em preconceitos, que é a fragmentação do ser humano, consideração parcial de suas potencialidades e dimensões.

Vasconcelos (1971) conceitua educação sexual dessa forma:

(...) é abrir possibilidades, dar informações sobre o aspecto fisiológico da sexualidade, suas interpretações culturais e suas possibilidades significativas permitindo uma tomada lúcida de consciência. É dar condições para o desenvolvimento contínuo de uma sensibilidade criativa em seu relacionamento pessoal (p.111).

Portanto, o educando terá condições de desenvolver sua capacidade de aprender, quando lhe forem oferecidas contínuas oportunidades de explorar diferentes visões de mundo, através de uma realidade mais aberta, minimizando os preconceitos ou concepções, dando lugar a novas formas de aprender e viver bem. Nas condições necessárias, estão incluídos os agentes da educação e a prática pedagógica dos docentes e seus posicionamentos como nesse contexto.

1.4 Sexualidade e a prática docente

A sexualidade não é um fator estanque, é algo dinâmico, que perpassa todas as áreas do desenvolvimento do indivíduo. Constantemente, como seres inseridos num contexto social, precisamos satisfazer nossos desejos, quer para a sobrevivência material ou mesmo para a psicológica.

Segundo Souza (1991), a escola exerce um papel “de função insubstituível (...), e cada indivíduo tem o direito de participar” (p.108), recebendo instrução e educação através dos docentes e agentes educacionais que promovam condições à criança ou ao jovem de viver atitudes sadias frente à sexualidade, com liberdade, afetividade e responsabilidade.

A sexualidade do ser humano é algo espontâneo que cresce com o desenvolvimento normal do indivíduo, portanto ela é construída, independente do biológico. Mesmo que a escola não contemple no projeto político pedagógico, a Educação Sexual é um processo inevitável, pois, como se refere Quintana (1993): “(...) o professor, ainda sem sabê-lo, vai estar transmitindo ao aluno uma educação sexual” (p. 40).

Todos os docentes fazem Educação Sexual, através do currículo oculto, no decorrer de sua vida, de forma implícita, mas não é suficientemente eficaz para fazê-lo de forma explícita. Isto decorre de entraves educacionais do docente pelas experiências cotidianas histórica e culturalmente estabelecidas na constituição de sua identidade como pessoa comum de uma sociedade. O “dito” e o “não dito” estão presentes nas práticas discursivas e não discursivas na sociedade, instituindo-se como poder que se manifesta em todos, e em qualquer lugar que através da prática docente afloram e contribuem para uma mudança no pensar do educando.

A Educação Sexual é uma estratégia importante no desenvolvimento do educando, portanto faz-se necessário que se busquem alternativas para tentar adequar ou adaptar condições à realidade plural do momento.

Na atualidade, não se pode lançar mão de um modelo educacional único, é preciso dispor de experiências pedagógicas de docentes, associados a fundamentações científicas e educacionais, que respeite a singularidade do educando. Assim, favorecer um entendimento e garantia de um trabalho pedagógico que contemple condições de alcançar os objetivos propostos na construção de um cidadão dinâmico, criativo, capaz de superar as exigências da sociedade em questão.

Neste contexto social em que se procura desenvolver um sujeito com competências para suprir suas necessidades primordiais, a prática docente, em todas as áreas do conhecimento, deverá estar preparada para ajudar ou encaminhar situações que surgem, a todo o momento em sala de aula ou mesmo no convívio com o educando.

A Educação Sexual é usada como estratégia para proporcionar condições de trabalhar a sexualidade dos alunos nas escolas. Apesar de os objetivos finais serem os mesmos, as realidades não são idênticas. Portanto, essa diversidade que a realidade apresenta, obriga

necessariamente a intervenções diversas, plurais e combinadas, sem que se perca o objetivo significativo dessa educação. Isto deve acontecer não só com os docentes, mas com toda a comunidade escolar, pois os alunos convivem com os servidores de vários setores de uma instituição educativa.

Para poder adaptar-se à realidade, é preciso conhecê-la. O profissional da educação, segundo Schön (1995), na sua prática docente, deve partir para uma *ação reflexiva* do que sabe; o que se quer saber; de que forma a Educação Sexual está integrada nos conhecimentos e valores relativos aos indivíduos dessa instituição. O autor faz a seguinte referência sobre o assunto:

Após a aula, o professor pode pensar no que aconteceu, (...) Refletir sobre a reflexão-na-ação é uma ação, (...) a reflexão na ação do professor implica a questão importantíssima das representações múltiplas (p. 83).

A educação, segundo Nunes (2001), é um processo de formação humana, na sua identidade ontológica, social, cultural, étnica e produtiva. Para isso, devem-se trabalhar conceitos, procedimentos e atitudes de forma a alcançar o objetivo maior que é a formação da pessoa. Assim, promover o desenvolvimento das capacidades dos educandos para conviver na diversidade, na integração, no respeito e na promoção das diferenças.

O educador, quando frente a frente com o educando em sala de aula, está, por todos os seus procedimentos e atitudes, revelando sua sexualidade. Nesse momento, há uma interação entre os sujeitos, desenvolve-se uma rede complexa de entendimentos caracterizando uma forma de “transferência” (professor) que, segundo Quintana (1993, p.38) “ocupa um lugar no inconsciente do outro (aluno)”, capaz de instituir condições para seu pleno desenvolvimento.

A Educação Sexual vai além da “informação perigenital”, cada vez que se trabalha a convivência, o respeito à diversidade, à comunicação interpessoal, à co-educação e ao esquema corporal, está se educando sexualmente. Nessa visão, é trabalho para todas as instâncias educativas, cada um com suas responsabilidades, com a finalidade de proporcionar ao educando uma formação adequada que contemple a complexa, diversa e variada gama de áreas, aspectos, variações e peculiaridades da sexualidade humana.

Nesse contexto, vê-se na prática docente uma forma representativa e de relevância no trabalho da sexualidade dos educandos. As expressões verbalizadas ou mesmo ocultadas, no processo de ensino e de aprendizagem, na sala de aula, possibilita a troca de experiências que contemplam as ansiedades dos educandos em busca de respostas às suas dúvidas. Assim, capacita-os a encontrar soluções para seus problemas pessoais, singulares de cada educando, levando-os a uma situação de equilíbrio, que proporciona condições para que possam desenvolver suas competências intelectuais e avançar progressivamente no campo emocional, afetivo e cognitivo.

2 METODOLOGIA

2.1 Enfoque metodológico

A abordagem metodológica adotada, nesta investigação, é a qualitativa que, segundo Triviños (1987), tem origem no campo da Antropologia e na Sociologia e, sendo assim, busca expor as concepções representativas, enquanto fato social, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas de um grupo que, neste caso, são doze professores(as). A escolha dessa abordagem justifica-se por ela permitir desvelar parte das significações que o ser humano carrega sobre sua identidade e seu convívio em sociedade.

A abordagem qualitativa, em determinadas pesquisas, é um recurso necessário que mais se adapta por trabalhar com percepção do vivido, com os significados, atitudes e valores. Parga Nina (1983), autor de experiência de longa data na pesquisa social, faz a seguinte referência sobre a pesquisa qualitativa: “(...) a necessidade de usar métodos e técnicas não-quantitativas é conseqüência da necessidade de captar algo dos aspectos subjetivos da realidade social,...” (p. 83).

Através dessa abordagem, busquei investigar as representações, as concepções sobre sexualidade que permeiam as instituições educativas pelos olhares e percepções dos(as) professores(as) de Ensino Médio de escola públicas e privadas da cidade de Santiago, RS envolvidos na investigação.

Na primeira etapa do desenvolvimento da pesquisa, foram investigadas e categorizadas as representações sobre sexualidade e sobre educação sexual na atuação dos(as) professores(as), através de informações obtidas nas entrevistas das quais foram feitos recortes que

passaram a constituir os indicadores comuns entre os doze entrevistados de quatro escolas de Ensino Médio da cidade de Santiago, RS.

Numa segunda etapa, realizei agrupamentos dos indicadores referidos nas entrevistas, direcionando-se para a categorização dessas representações e, posteriormente, uma discussão das representações investigadas na pesquisa fundamentando-as no referencial teórico cujas bases estão em autores como Foucault (2001, 2002), Saviani (2001), Nunes (2001), Gomes (2002), Veiga (1997), Guimarães (1995), Stoll (1988), Kupfer (1989), Minayo (2000), entre outros estudados anteriormente.

Por se tratar de um estudo que investiga as representações sociais, essa metodologia de pesquisa é pertinente, pois as informações coletadas podem expressar uma realidade, e revelar os significados subjetivos implícitos no universo social, de relevância na escolha da abordagem qualitativa.

Esta é a coerência e a lógica que caracterizam este tipo de pesquisa, a forma qualitativa de investigação privilegia o sujeito, suas falas, suas vivências e sua historicidade.

2.2 Sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi realizada nas escolas de Ensino Médio, públicas e particulares, localizadas na cidade de Santiago, RS. Dentre as sete escolas existentes de Ensino Médio na sede do município foram escolhidas: duas públicas (1957 e 1994) e duas particulares (1965 e 1994), a fim de observar as diversas faces da situação da educação e recolher informações significativas sobre as concepções acerca do tema sexualidade que permeiam o meio escolar na cidade de Santiago, RS.

Os sujeitos da pesquisa constituem o quadro de pessoal das escolas investigadas, tais como: diretores, orientadores, supervisão de estágios e professores de diversas áreas do conhecimento: Educação Artística (2), Educação Física (1), Matemática (2), Português (2), Física (1), Técnicas Agrícolas (1), História (1), Língua Estrangeira (1), Filosofia (1), Metodologia e Didática (1), Literatura (1), totalizando doze entrevistados.

2.3 Local de coleta de informações

A fim de alcançar os objetivos da pesquisa e de obter informações que evidenciassem as representações sociais dos entrevistados, nos vários educandários, conforme sua organização e estrutura educacional participaram da investigação quatro escolas cujos perfis contivessem os aspectos sociais, econômicos e culturais ligados ao meio urbano. A partir disso, foram escolhidas quatro escolas de Ensino Médio da seguinte maneira: 2 (duas) escolas fundadas mais recentemente, sendo uma pública e outra particular; 2 (duas) escolas com um tempo maior de existência, da mesma forma, uma pública e outra particular.

Além disso, constituíram critérios para a formação do campo de investigação as escolas que mais se destacam na cidade de Santiago, RS em número de alunos e pelo tempo de funcionamento, para ampliar o acesso às informações acerca do tema sexualidade nas escolas de Ensino Médio.

A escolha dessas escolas justifica-se por constituírem universos ricos e complexos pela diversidade de situações que podem proporcionar; as públicas pelo fato de muitas delas estarem desgastadas pelas deficiências tanto no aspecto material, como também de recursos

humanos; nas escolas particulares isso, não é verificado, tendo em vista serem mantidas pelo poder aquisitivo dos alunos que lá freqüentam.

As escolas foram identificadas pelas letras do alfabeto, como forma de mantê-las em sigilo, e resguardar os direitos dos profissionais e possibilitar a tranqüilidade e a real manifestação dos mesmos, ao mostrar a realidade expressa neste momento. Assim, tornando a coleta de dados uma amostra reveladora das representações expressas pelos professores(as) entrevistados(as).

2.4 Instrumento de pesquisa

A escola, vista como uma instituição de poder, ou seja, estimuladora de mudanças comportamentais no decorrer da história de vidas dos sujeitos, constitui um espaço importante de investigação, pois, através de representações sociais dos sujeitos da pesquisa envolvidos nesse contexto, captam-se os aspectos subjetivos que formam dados relacionados com o tema da pesquisa, a sexualidade nas escolas de Ensino Médio.

A entrevista, segundo Kahn & Cannell (1962) é uma conversa entre duas pessoas com finalidade de fornecer informações sobre um determinado objeto de pesquisa. Essas informações são de realidade muito profunda que se caracteriza como subjetiva.

Através da entrevista podem-se perceber atitudes, valores e opiniões e representações sobre a sexualidade construídas pelo sujeito durante sua história de vida, e isso passa a constituir os dados representativos de um grupo social determinado. Minayo (2000) reforça essa idéia ao dizer que os “modelos culturais interiorizados são revelados

numa entrevista”, trazendo consigo o “caráter histórico e específico das relações sociais” (p. 113).

A entrevista é um instrumento de coleta de dados para as ciências sociais, e a “palavra” ou fragmento de expressões fornecidas, torna-se reveladora de condições estruturais, sistemas de valores que, ao mesmo tempo, é um porta-voz de representações histórico, político, cultural e sócio-econômico de uma realidade social. Minayo (2000) ressalta, que a palavra, como uma comunicação verbal é privilegiada para coleta de dados.

As representações dos docentes são vivências significativas de uma realidade, inserida num contexto sócio-político, onde se encontram concepções que, para Minayo (1998) podem assim ser expressas:

(...) por serem ao mesmo tempo ilusórias, contraditórias e verdadeiras, as representações podem ser consideradas matéria-prima para a análise do social e também para a ação pedagógico-política de transformação, pois retratam e refratam a realidade segundo determinado segmento da sociedade (p.110).

A entrevista semi-estruturada por permitir um diálogo aberto, preparado com objetivos definidos e por constituir-se em comunicação entre o pesquisador e a pessoa que detém a informação, adapta-se ao presente estudo, pode fazer emergir representações sobre o tema investigado e assim, pode evidenciar as subjetividades relacionadas ao tema sexualidade.

As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas em local isolado na escola ou na residência dos entrevistados. Assim, pôde-se perceber através de palavras, gestos ou expressões aquilo que a realidade apresentava, naquele contexto.

As entrevistas foram gravadas e transcritas e puderam evidenciar algumas emoções, percebidas pela tonalidade da voz, risos, gestos, o silêncio e nas palavras usadas para os fatos expressos naquela situação. Esta idéia pode ser mais bem entendida pelo que diz Berger & Luckmann (1973) para os quais se pode perceber melhor os sintomas da subjetividade presente numa entrevista, quando se está face a face, pois somente, nesse momento, a subjetividade do outro se torna muito próxima. A entrevista oportuniza o encontro e por ser semi-estruturada, o entrevistado se expressa livremente, já que não há um limite possibilitando fluir com maior realidade e profundidade as informações. Isto já não acontece, quando a entrevista é estruturada, através de outra técnica, como, por exemplo, perguntas diretas ou questionário, onde o entrevistado limita suas falas a responder única e, exclusivamente, aquilo que se pergunta, dando margem para pensar antes de fazê-lo, dependendo de sua situação na instituição que se encontra ou outros fatores que quebre a espontaneidade do entrevistado.

A partir do discurso dos entrevistados, após exaustivas leituras, foi possível mapear alguns indicadores, os quais *a priori* foram definidos e também reestruturados pela emergência nas entrevistas sobre o tema sexualidade. Esse trabalho permitiu verificar as múltiplas idéias e imagens presentes em cada dimensão pesquisada.

A observação foi um outro instrumento de pesquisa utilizado neste estudo. É importante esclarecer, segundo Haguette (2000) a observação não é uma técnica responsável pelos estudos relevantes que a utilizaram, mas a problemática de determinadas pesquisas que geram a necessidade de sua utilização. Neste estudo, é pertinente sua utilização visto que trata das representações dos professores de um determinado local e época, em que está respaldada a subjetividade dos sujeitos envolvidos nesse contexto. Pode-se dizer, entretanto, que a observação nas relações entre observador e observado, não é neutra, nem isenta de influências de

fatores ambientais, tais como: sociais, culturais, políticos entre os indivíduos relacionados.

Segundo Haguette (2000, p. 77) diz que “a observação pode ser considerada como a técnica de captação de dados menos estruturada nas ciências sociais”. Então, a observação centra-se na responsabilidade do observador, pois ela não apresenta nenhum instrumento específico que a norteie, ou seja, não apresenta um roteiro de trabalho ou outra forma concreta de investigação. Depende exclusivamente do observador, de seu controle emocional, de sua empatia, de sua situação naquele momento e contexto. O observador, por si só não realiza apenas uma coleta de dados; produz uma modificação do meio pesquisado, as suas relações levam a uma mudança social.

A observação é utilizada como instrumento de importância na pesquisa qualitativa, em que leva o pesquisador a uma compreensão mais clara da realidade, complementando os dados obtidos na entrevista semi-estruturada.

A observação foi utilizada, nesta investigação, com o objetivo de aprofundar questões das entrevistas, como instrumento de reforço para a coleta de dados, atitudes representativas na prática docente, para que esse instrumento desvele dados relevantes com relação ao trabalho da sexualidade com os(as) alunos(as) inseridos no contexto educativo.

Este instrumento trouxe algumas informações, as quais reforçam os conteúdos expressos nas entrevistas, evidenciando a forma de tratar os assuntos relacionados com a sexualidade dos(as) alunos(as). Pode-se verificar nesse instrumento de pesquisa aquilo que é indizível, ou seja, as expressões, gestos, vibração da voz, caracterizando a subjetividade de cada entrevistado, relacionado à sexualidade na prática docente.

Segundo Neto (2002) confirma-se que através da observação temos um contato direto com os sujeitos e suas manifestações, com a

finalidade de obter informações sobre situação dos pesquisados no seu próprio contexto. Também o mesmo autor se refere à importância da utilização dessa técnica em proporcionar ao pesquisador, uma variedade de situações ou fenômenos que não poderiam ser verificados por meio de outras técnicas, pois, dessa forma pode-se perceber porções do indizível presentes nas situações vivenciadas pelos sujeitos pesquisados.

Nessa pesquisa, pode-se verificar através da observação, as manifestações de professores(as) e alunos(as) nas suas atividades cotidianas, as suas relações carregadas de sentimentos, emoções e subjetividade vividas neste contexto. Essa coleta de informações oportunizou uma maior empatia entre os professores(as), alunos(as) e a pesquisadora, colaborando para facilitar o entendimento, a tranquilidade e confiança na hora da entrevista.

2.5 Procedimentos para coleta das informações

As informações que constituem a base da pesquisa surgiram pela utilização da entrevista semi-estruturada e da observação da prática docente nas escolas mencionadas anteriormente.

A fim de iniciar o trabalho investigativo, as direções das escolas escolhidas receberam uma correspondência contendo o objetivo da pesquisa, relatando a relevância do trabalho a ser realizado. Essa escolha também recebeu um tratamento sigiloso, para preservar a fidelidade e evitar o constrangimento do profissional por ocasião da divulgação de suas falas e para que pudesse melhor evidenciar a situação em que se encontra o trabalho sobre sexualidade nas escolas.

Para tanto foram realizadas várias visitas às escolas para esclarecimentos sobre o trabalho, aproveitando esses momentos para a

observação do cotidiano da escola, dos diversos ambientes, como forma de através de outro instrumento de coleta aprofundar questões levantadas nas entrevistas.

No contato com a direção relatamos sobre o sigilo dos nomes dos sujeitos da pesquisa bem como da instituição. Esse procedimento teve por finalidade resguardar os direitos dos profissionais e possibilitar a tranquilidade e uma manifestação o mais fiel possível de atos e fatos que pudessem nos aproximar das representações contidas naquelas realidades. Assim, tornando a coleta de dados uma amostra reveladora das representações expressas pelos profissionais de educação que colaboraram nesse estudo.

Após a concessão do espaço para a realização da pesquisa, nas escolas houve receptividade de professores(as) e alunos(as) que, conversavam sobre a temática da pesquisa com desprendimento.

Após o estabelecimento do acordo de cooperação com a pesquisa entre escola, sujeito de pesquisa, passou-se ao agendamento das entrevistas, conforme a disponibilidade dos colaboradores. Assim, as entrevistas foram realizadas sempre em períodos de atividades pela manhã, à tarde e à noite, permitindo um maior entrosamento com os colegas professores(as) e agentes de educação, bem como possibilitando a observação das ações dos alunos(as) nas instituições escolhidas.

Os(as) professores(as) entrevistados(as) receberam uma ficha de identificação e Carta de Cessão de direitos para ser preenchida e assinada. Além disso, foram mencionados os tópicos que seriam abordados nas entrevistas, para conduzir os trabalhos e não fugir do tema proposto, sem interferir no andamento da mesma.

As entrevistas foram gravadas em fitas cassetes e transcritas, sendo os participantes identificados por letras e números,

respectivamente para a escola e professor(a), ressaltando a disciplina ou funções, na qual atuam.

No decorrer das visitas, foi possível conversar com vários professores(as), não só do Ensino Médio, como também do Ensino Fundamental, inclusive com visita a uma Feira de Trabalhos de Pesquisa dos alunos(as) de uma das instituições pesquisadas, com referência a várias áreas do conhecimento. Esse contato possibilitou maior conhecimento e troca de informações com professores(as) de diversas áreas da educação e a oportunidade em observar as expressões, a subjetividade, as relações entre alunos (as) e professores(as), no decorrer dos trabalhos.

A maioria das entrevistas foi realizada na própria escola do(a) professor(a), nos períodos vagos entre aulas, oportunizando no momento, a pesquisadora assistir suas aulas ou outros trabalhos realizados pelos mesmos com os(as) alunos(as). Alguns participantes responderam em suas residências, por não haver compatibilidade de horários, pois os mesmos trabalham em outras escolas. Um(a) professor(a) foi entrevistada noutra escola não escolhida, num intervalo de aula, por questão de necessidade. Observou-se, então, que os professores(as) da rede pública trabalham nas escolas particulares, como forma de compensar ganhos para manter sua vida e de seus familiares.

As entrevistas foram realizadas individualmente, em salas como a da direção, de reuniões, ou mesmo salas de aula. Isso foi realizado a fim de possibilitar um ambiente adequado à entrevista, para o sujeito de pesquisa sentir-se à vontade para externar seus pensamentos, sem as interferências de outras pessoas que pudessem inibi-lo. Assim tornando a entrevista de forma fidedigna e reveladora da situação apresentada sobre o tema sexualidade na escola. Daí a razão da escolha da entrevista semi-estruturada adotada para a realização desta pesquisa.

Através das representações sociais construídas pelos professores emergentes das entrevistas e observações de suas ações, nas suas diversidades apresentadas, estabeleceu-se um parâmetro sobre as concepções de sexualidade, trabalhadas nas escolas de Ensino Médio.

A partir da utilização desses recursos, foram elencados conteúdos das entrevistas que nortearam a formação de categorias, as quais passaram a constituir a parte de discussão das representações sobre sexualidade na pesquisa.

2.6 Período de coleta de informações

O período teve início na segunda quinzena de setembro e se prolongou até a primeira quinzena de dezembro de 2003. No início, os primeiros contatos com as escolas ocorreram com mais rapidez, somente uma escola exigiu o tempo de um mês, para que pudesse ser agendado o primeiro contato com a direção, devido a compromissos da mesma com atividades extraclasse.

A variação dos períodos em contato com os sujeitos da pesquisa se caracterizou pela frequência das visitas, para que as relações entre entrevistador e entrevistados transcorresse com naturalidade e assim trouxessem informações mais fiéis às representações dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Faz-se necessário salientar que o tempo de entrevistas bem como a frequência delas teve maior ou menor prolongamento conforme o tempo disponível dos entrevistados, devido esses profissionais trabalhar em outras escolas ou realizarem outras atividades particulares. Portanto, a atividade para coleta de informações ocorreu de acordo com a disponibilidade de cada um.

3 DISCUSSÃO DOS ACHADOS DA PESQUISA

Dentro da concepção foucaultiana, o professor é considerado um agente do poder, mas por sua condição de ser, tem resistências a mudanças, em âmbito escolar. Por isso, a educação sexual, em instituição educativa, *a priori*, tem que ser aceita pelo educador, que precisa quebrar barreiras sociais e pessoais a ele impostas. Falar de sexualidade não é tarefa fácil, pois é falar de si, o que, muitas vezes, encontra-se arraigado em preconceitos, em falsas idéias e pensamentos sem fundo científico, e isso pode determinar constrangimentos e dúvidas. Há necessidade de repensar essas concepções, valores e preconceitos que impedem o desenvolvimento do aluno, no meio escolar.

Num primeiro momento, após exaustivas leituras, organizaram-se os indicadores elaborados a partir do conteúdo das entrevistas. Esses indicadores permeiam o mundo simbólico dos entrevistados sobre sexualidade, trazendo a subjetividade manifestada do docente na/sobre sua prática pedagógica.

Num segundo momento, tarefa difícil da pesquisa, realizou-se o agrupamento desses indicadores em categorias, o que segundo Durkheim (1978), são consciências representativas que estão ligadas a fatos sociais, passíveis de observações e interpretações. Esse conjunto de representações sobre o tema sexualidade foi submetido a uma discussão fundamentada conforme referencial teórico, a fim de complementar essa discussão.

As falas dos professores das escolas de Ensino Médio de Santiago reuniram várias concepções e situações sobre sexualidade, como um tema que faz parte da formação dos indivíduos e constitui-se em argumento que justifica a preocupação com a atuação dos educadores com o tema. Esta pesquisa não tem a finalidade de resolver as questões

pertinentes ao trabalho da sexualidade nas instituições de ensino, mas elencar fatos que possibilitem novas significações à reestruturação dos currículos ou projetos pedagógicos que venham contribuir para a melhoria da educação do cidadão.

Segundo Saviani (2001), a natureza humana não é dada ao homem, mas é através da educação, do ato de produzir que, direta ou indiretamente cada ser, se constitui histórica e coletivamente como um cidadão.

Se educar, segundo Nunes (2001), é construir nos seres humanos uma “identidade ontológica, social, cultural, étnica e produtiva”, a sexualidade como fator inerente ao ser humano não poderá excluir-se da natureza social, histórica e política de um contexto. Na educação evidencia-se essa constituição humana, que pelas ações, gestos, deixa pistas que são representações que podem ser categorizadas.

Assim, serão apresentadas as categorias, que conforme as idéias de Gomes, (2002, p. 70): “(...) trabalhar com elas significa agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. (...) pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa”.

Na tentativa de entender a concepção dos professores como elemento de representatividade acerca da sexualidade, procurei através de conteúdos das entrevistas, expor e discutir alguns conceitos, ações presentes na prática docente e aspirações dos adolescentes envolvidos nesse ambiente social.

As representações dos professores das escolas pesquisadas apontam para as seguintes categorias a serem discutidas:

1- Concepção de sexualidade dos(as) professores(as) das escolas de Ensino Médio do município de Santiago: Nessa categoria foram agrupados os indicadores emergentes das entrevistas, em que os

sujeitos da pesquisa expressaram as concepções sobre sexualidade. Na visão dos educadores, pôde-se observar que as idéias acerca da sexualidade se resumem como um fator da natureza do ser humano e expressas através de formas engendradas pelas situações dos contextos vivenciados: histórico, político, cultural, social, ético e estético. As palavras proferidas nas entrevistas conotam a compreensão que têm os docentes sobre sexualidade, como:

- (...) a sexualidade é inerente ao ser humano (...). (A1 – disciplina de Artes e Filosofia);
- (...). A sexualidade (...), o conceito está nas relações, (...)... (A2 – disciplina de Matemática);
- (...) a sexualidade (...) preocupam-se com o visual, com o corpo, com as emoções,... (...) (B1 – disciplina de Língua estrangeira);
- (...) esse conhecimento está em todos os lados da gente (...) e quando ele se manifesta, abre o horizonte das pessoas, (...) (B3 – disciplina História).

Os professores têm esses pensamentos, que podem ser reforçados pelas idéias de Veiga (1997):

(...) a questão da sexualidade que é um tema pertinente ao conceito da própria vida e, no caso na nossa espécie, não diz respeito apenas ao aspecto das funções reprodutivas, incluindo aspectos relacionados ao desejo, à sedução, à emoção, ao prazer, à afetividade, à turbulência, à agressividade, ao diálogo, à energia, à busca do reconhecimento do próprio corpo, ao gesto, ao toque, à forma de olhar, à música, à dança, à relação, ao timbre diferente de voz ao falar com o outro, ao impulso (p. 236).

2- Dificuldades enfrentadas na prática pedagógica pelos(as) professores(as): Pôde-se observar no conteúdo das entrevistas que são muitas as manifestações de insegurança dos professores ao abordar o tema relacionado à sexualidade, como na fala do(a) professor(a) A2 de Matemática:

- (...) esse meu reverter para a aprendizagem do conteúdo, talvez eu esteja desviando,...(...).

Esse sujeito continua, ainda reforçando a sensação de despreparo, de forma muito conflitante, na tentativa de justificar que gostaria de expressar aquilo que pensa sobre o assunto. Entretanto pode-se observar o pesado fardo que carrega, expresso nestas palavras:

- eu tento, assim, trazer de volta para o meu conteúdo tentando não podar, (...) ao mesmo tempo (...), acho que eu também não aproveito (...), talvez eu não esteja preparada para falar de sexualidade, (...) por que eu não saberia como tratar.

3- Necessidades manifestadas dos alunos do Ensino Médio, referentes à sexualidade: Nesta categoria, observa-se uma diversidade de manifestações nas relações entre eles e também com os professores. Manifestações de falta de esclarecimento, de diálogo sobre o assunto são verificadas nas ações cotidianas dos mesmos. A influência da mídia que escancara, não oprime e nem explica, dá sensação de liberdade, levando os(as) alunos(as) a imitarem tais situações que, geradas sem maturidade, influenciam no seu desenvolvimento, conduzindo-os, algumas vezes, a uma experiência insatisfatória, deslocada de sua realidade. Isto se observa nas falas dos (as) seguintes professores(as):

- (...) o nosso aluno está sendo bombardeado diariamente por erotismo, a mídia nos coloca tudo isso (...) essa questão do sexo pelo sexo. (...). E se tu encontrares o nosso adolescente ali na rua, numa boate ou no barzinho, a gente fica de boca aberta pela cena que vê!

Esse docente (sujeito) reforça a falta de esclarecimento quando fala:

- (...) muitos pais não tem abertura com os filhos, (...) hoje a gente vê menina de doze anos, (...) nós temos todos os anos aqui na escola, em média de três a quatro adolescentes que engravidam, (...) e as doenças? Então o nosso aluno não está recebendo essa orientação (A1, disciplina de Artes e Filosofia);

Manifestações preconceituosas com finalidade de mascarar o desconhecimento se observam no dia a dia do aluno na sala de aula, como fala este docente:

- (...) eles têm muitas dúvidas sobre sexualidade, (...) eles querem nos passar uma imagem que eles sabem tudo. Mas a gente sabe que (...) não é bem assim, (...) (B1, disciplina de matemática);

O professor precisa ficar atento a essas manifestações, refletindo com a finalidade de poder ajudá-los. Gaudêncio (1974), faz uma reflexão sobre isso:

Para entendermos os adolescentes precisamos conhecer a fundo todas as transformações que estão ocorrendo neles: desde a mudança física até a mudança afetiva. (p. 7-8).

4- Concepções dos professores sobre um trabalho interdisciplinar, como tema transversal acerca da sexualidade nas escolas de Ensino Médio: Essa categoria traz uma dualidade entre aqueles que acham fácil trabalhar, nas suas disciplinas, o tema e aqueles que não vêem essa possibilidade. Assim falam alguns docentes:

- *Até por que é uma questão de necessidade, (...), tem que ser trabalhado, (...) a escola que estamos nos referindo, é uma escola assim, (...) aberta para todos os temas e todos os professores, cada um na sua disciplina tenta trabalhar todas estas questões, (...)*...
(B1 – disciplina de Língua Estrangeira)
- *(...) a visão que a gente tem como um tema transversal, eu penso que nós devíamos ser mais preparados, (...)* (C2 – disciplina de Matemática)

Segundo Minayo (1998) essas são representações, significam “a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento. (...) categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a”. Neste trabalho constituem material de estudo, pois essas percepções são consideradas importantes, pois fazem parte da história e representam os mais diferentes pensamentos sobre o social.

3.1 Concepções de sexualidade

A sexualidade vista como uma realidade essencialmente humana, expressa por palavras, imagens, rituais, emoções como também com o corpo, como sustenta este(a) professor(a), quando diz:

- *“(...) a sexualidade é inerente ao ser humano, a gente é um ser, sexuado, nós respiramos todos os dias sexo, e nosso corpo e nossa mente, então deve ser bem trabalhado com isso”* (A1- disciplina de Artes e Filosofia).

Em outras palavras, a sexualidade é percebida por outro professor(a) como um elemento de construção do ser humano no contexto que vive, na seguinte reflexão:

- *“(...) A sexualidade (...) o conceito dela é, está nas relações, entre aluno e professor, e entre alunos. A relação deles assim, (...) eu sinto ela presente no meu relacionamento e no relacionamento entre eles”* (A2 - disciplina de Matemática).

Essa forma de perceber a sexualidade vincula-se ao que diz Veiga (1997, p. 236): “(...) está na base de todas as relações humanas, e a estabilidade emocional do indivíduo está na dependência do equilíbrio da sua sexualidade, visto que ela resgata o proibido, o lúdico e o amoroso”.

Observa-se uma grande preocupação dos(as) professores(as), quando o assunto refere-se à sexualidade, tanto na visão biológica, como também na psicossocial, e isso é expresso desta forma:

- (...) eu acho, assim, que a sexualidade está presente no dia-a-dia de todos nós, principalmente nos adolescentes que, os hormônios (...) estão a mil e surge a questão do namoro, da paquera, do ficar, eles se preocupam com o visual, com o corpo, com as emoções, com os sentimentos, mas o que eu vejo, assim, que os alunos não têm esclarecimento real, (...), eu acho que eles aprendem, as coisas de maneira distorcida, muitas vezes até pejorativas (B1- disciplina de Língua Estrangeira - Inglês e Espanhol).

O entendimento do professor(a) em relação à iniciação sexual retrata uma concepção bastante tradicional sobre a sexualidade, voltando um olhar arraigado às suas vivências sobre as novas relações que passam a fazer parte do cotidiano escolar.

A sexualidade, como um fator da natureza do ser humano e está presente no desenvolvimento do sujeito, tanto psicológico como biológico, ocorrendo um processo natural e no tempo adequado, ao longo de toda a vida, recebendo as influências do contexto em que vive.

Percebe-se, nas palavras de outro sujeito da pesquisa, que a sexualidade se entrelaça em todas as esferas do cotidiano:

- (...) eu vejo assim, nós estamos (...) no mundo em que (...) as pessoas são assediadas pelo conhecimento, (...), esse conhecimento está em todos os lados da gente, e (...) à medida que o conhecimento se manifesta, abre o horizonte das pessoas. (...), tudo era mais, (...) ficava de bandeira, tudo mais limitante, agora a gente vê que, velado, por (...) esse conhecimento que as pessoas são bombardeadas pela

televisão (...) a todo o instante através dessas novelas aonde não tem mais horas, não tem mais dia, não que seja ruim, até às vezes é bom, (...), não é uma pornografia, que não chega a ser tanto explícito, mas é o erotismo que tá latente, (...), dessa forma a juventude também faz aquilo lá, não que eu esteja querendo dizer que a televisão seja um mestre que está desvirtuando a cabeça das pessoas (B 3 – disciplina de História).

Essa visão de sexualidade é reiterada por Thums et al (1990, p. 38), quando se refere aos fatores de “transformação do mundo externo” interferindo diretamente no “mundo interno” dos indivíduos.

Refletindo sobre o posicionamento nesse conteúdo da entrevista, os(as) professores(as) percebem que na tarefa de ensinar, não basta somente o conhecimento específico a disciplina, as informações ou conteúdos. É necessário que o(a) professor(a) possa se valer de outros entendimentos, que permitam aos alunos e alunas, contato com novas idéias e pensamentos acerca de seu próprio desenvolvimento. Esse sujeito é influenciado pela subjetividade, por aquilo com que se identificam em suas vivências. Assim, passam a agregar às que já existem, num processo de construção e, conseqüentemente, apropriação, construindo suas identidades como sujeito.

A sexualidade como uma das mais complexas dimensões da condição humana exige dos profissionais um esforço para criar situações que possam esclarecer dúvidas ou mesmo superar recalques² já instalados nos adolescentes em prol de sua formação. Os(as) professores(as) são conscientes da complexidade do assunto, mas, por

² Recalque – segundo Piéron (1969) - refere-se a: “Defesa automática e inconsciente pela qual o ego rejeita uma motivação, emoção ou idéia, penosas ou perigosas, tendendo a dissociar-se delas”.

outro lado, sentem-se, muitas vezes, impotentes para ajudar seus alunos(as), como ressalta esse sujeito da pesquisa:

- (...) *Eu acho o tema bastante complexo, principalmente nas escolas de Ensino Médio. E, eu adquiri uma visão e até alguns conhecimentos a respeito do tema, trabalhando, estudando, lendo, buscando até com outros profissionais. (...) a gente enfrenta com os jovens, uma desinformação, eles têm pouco conhecimento sobre sexualidade, não levam (...), eu não queria dizer a sério, mas para eles é uma coisa, eu acho até um pouco superficial, tanto o conhecimento como o enfrentamento de alguma dificuldade, do tipo, uma questão de doença através da sexualidade, eu acho que eles não se cuidam, não se previnem, (...) (D2 – disciplina de Metodologia e Didática).*

Conforme Foucault (2001), a sexualidade constitui um dispositivo histórico de poder, ou seja, um instrumento de eficácia no controle sobre os indivíduos que se relacionam, tanto na esfera familiar como na sociedade. Nessa perspectiva, manifesta-se um(a) professor(a):

- (...) *É uma coisa assim, cheia de tabus, parece que estão pisando em ovos, os pais para conversar com os filhos sobre isso. Os filhos que vêm trabalhados de casa eles são extremamente resolvidos na escola, eles têm facilidade para conversar, eles têm o poder de argumentação muito grande, a cognição deles é muito boa. Na verdade, eles conseguem assim, lidar, colocar as duas coisas num patamar muito bom, eles rendem*

bem na escola. Porque muitas vezes, assim, a problemática que nós temos, nesse sentido, dificuldade de concentração, falta de atenção, muita dispersão em aula, principalmente no Ensino Médio, sempre fica as conversas paralelas envolvendo isso (D3 – Orientação educacional e psicólogo(a)).

Esse sujeito revela, também, que o(a) aluno(a) que tem trabalhado no meio familiar, a sexualidade tem um comportamento diferenciado na aquisição do conhecimento e nas relações entre eles e o meio em que se encontra. Suas atitudes são firmes e decididas, sabem trilhar seus objetivos. Essa forma de agir face à sexualidade, conforme Guimarães (1995, p. 29) relaciona-se à família como elemento importante onde “a natureza se objetiva” e reside o “desenvolvimento da cultura”, pois é nela que ocorre o processo de continuidade das gerações. É a família a base para que se inicie um processo de formação do indivíduo.

Os conteúdos das entrevistas nos mostram que a sexualidade está refletida em qualquer situação do cotidiano dos indivíduos, sem distinção de idade, e faz as pessoas terem necessidades de aquisição de conhecimento. Esse conhecimento deverá ser incorporado, assimilado e devolvido sob a forma de ações por esses indivíduos. O que se observa, na maioria das vezes, segundo os entrevistados, é que o conhecimento exposto pela mídia, pelos programas de televisão, internet, revistas e outros meios são feitos à revelia, sem que os adolescentes tenham capacidade de distingui-los, levando-os a optar muitas vezes, por aquilo que não estava ainda em condições de fazê-lo. Essa é a preocupação do sujeito da pesquisa neste relato:

- (...) *Agora, também, a gente não pode cair de pensar que sexualidade é vulgaridade ou promiscuidade, que não é. Essa clareza tem que deixar também para o*

adolescente, porque o nosso adolescente, hoje, confunde sexualidade com a promiscuidade, (...) (A1- disciplina de Artes e Filosofia).

Se essas situações fossem debatidas, gerassem diálogo, provocassem reflexão sobre as condições de crescimento e de desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicossocial, trariam vantagens em termos de segurança na busca de novas apropriações para esses(as) alunos(as). Também se observa nas falas dos(as) professores(as), que o aluno traz para sala de aula seus conflitos pessoais, que não tiveram o apoio, o esclarecimento por parte da família. O adolescente busca, através de atitudes muitas vezes displicentes, da ausência de concentração no assunto exposto em aula, à atenção do professor como tentativa de encontrar solução que resolva seu impasse.

Foucault (2002) diz que o ser numa forma de definir-se e constituir-se, aventura-se na “procura de si tomada em relação ao outro”. Como na expressão deste professor(a):

- *(...) a pessoa que sabe, que aprende a se conhecer, que tenha conhecimento sobre isso aí, é uma pessoa que até mesmo vai se aceitar, vai se conhecer a si próprio e ao próximo, (...) (B1 – disciplina de Língua Estrangeira).*

Aí reside a necessidade de dar atenção, dialogar e abrir caminhos que ajudem os alunos na busca do encontro consigo mesmo, em contato com outro que pode ser o amigo, o colega, o professor ou a família.

A preocupação dos professores com a educação, em todos os aspectos, é assim explicada por Stoll (1988):

(...) a educação começa nos primeiros instantes da vida de uma pessoa. Desde que nasce, o indivíduo recebe orientação. (...) para reagir perante as diferentes situações criadas pela natureza ou sociedade e adquire, aos poucos, hábitos que farão parte de seu modo de ser. Cada fato, cada experiência, cada situação exerce influência sobre a definição da personalidade é o resultado de uma educação informal recebida fora da escola (família, grupo social) somada à educação formal, institucionalizada e oferecida nas Escolas (p. 90).

3.2 O trabalho com a sexualidade: dificuldades e desafios

No decorrer das entrevistas, se pôde perceber que quase a totalidade dos entrevistados evidenciou uma ansiedade com relação à ausência de competência para trabalhar a sexualidade em sala de aula. Podemos observar no conteúdo da entrevista do(a) professor(a) A1, disciplina de Arte e Filosofia que fala:

- (...) *percebo assim uma grande dificuldade de muitos professores em lidar as questões desse tipo, por que o próprio professor, ele precisa ter um subsídio, (...) discernimento e conhecimento (...).*

Ou ainda, nas palavras do mesmo sujeito entrevistado quando surge na sala de aula, manifestações dos(as) alunos(as) sobre sexualidade:

- (...) *ao invés deles utilizarem a aula, (...) canalizar aquilo e gerar um debate, o que acontece? O professor*

perde a paciência, retira o aluno da sala de aula e encerra o assunto, (...).

Nota-se que na falta do conhecimento o(a) professor(a), gera um conflito interior que lhe tira a capacidade de tentar resolver a situação. Então o faz dessa forma para não se comprometer com a formação do aluno(a). Freire (2002) se refere à atitude resistente do professor em respeitar a “*leitura de mundo*” com que o educando chega à escola, condicionado pela sua cultura, pelos saberes da educação familiar, revelados pela linguagem. Atitudes assim passam a constituir bloqueio à experiência do aluno com o conhecimento.

Na escola A, o(a) professor(a) A1 de artes e Filosofia que se encontrava com seus alunos, em aula, no pátio, relatou o significado de sua tarefa, relacionada com o lúdico, pois se tratava de desenhos, trabalhos de Educação Artística, mais precisamente grafiteagem no muro da escola.

Os desenhos e gravuras denotavam momentos da vida cotidiana de grupos de alunos. Neles se podiam perceber vários sentimentos ali expressos, como alegria, revolta, com as fases da vida dos adolescentes.

Na oportunidade, em conversas com alunos e pela observação foi possível perceber as expressões, gestos, vibração de voz, ou seja, a subjetividade dos adolescentes, no momento de profusão de idéias e de indizíveis sentimentos, mas expressos nos trabalhos realizados de grafiteagem, nos muros da escola.

Os professores sentem-se despreparados para falar sobre sexualidade nas salas de aula, onde as necessidades dos(as) alunos(as) do Ensino Médio afloram com naturalidade, pois a sexualidade dos indivíduos apresentam-se na vida do ser, não importa quando ou onde esse ser se encontra. Isso podemos perceber na concepção do(a)

professor(a) A1, disciplina de Artes e Filosofia quando ressalta na sua entrevista:

- (...) a sexualidade é inerente ao ser humano, a gente é um ser sexuado, nós respiramos todos os dias sexo, nosso corpo e nossa mente, portanto deve ser bem trabalhado com isso.

Assim, também se reflete nas palavras do(a) professor(a) B3 da disciplina de História que se expressa dizendo:

- (...) no mundo em que (...) as pessoas são assediadas pelo conhecimento, esse conhecimento está em todos os lados da gente, (...) e ele abre os horizontes das pessoas, (...).

O conteúdo das entrevistas nos mostra que o(a) professor(a) entende que, a sexualidade está refletida em qualquer situação do cotidiano dos indivíduos, sem distinguir idade ou local. Além disso, faz as pessoas terem necessidades da aquisição de conhecimento. O conhecimento deverá ser incorporado, assimilado e devolvido sob a forma de ações desses indivíduos. Não há como separar os momentos de formação do indivíduo, há um imbricar de situações difíceis de distinguir, pois a aprendizagem se processa tanto quanto essa interação existir nas suas vidas. Isto se constata, nas obras de Foucault: *Vigiar e Punir* (1993) e *Vontade de Saber* (2001), em que o poder alicerçado pelo conhecimento ou mesmo pelos saberes historicamente constituídos, não é uma realidade que possua uma natureza ou características universais, mas são formas ímpares, heterogêneas, em constantes transformações. Constituem práticas sociais que interferem na formação do ser. Refere-se, ainda, sobre as situações geradas e exercidas nesse contexto, não como

um poder de repressão, mas como elemento de importância em engendrar a vida das pessoas, aproveitando as potencialidades e usando suas capacidades na construção gradual e contínua dos indivíduos.

Para a maioria dos(as) professores(as) investigados(as), como por exemplo, nas falas do(a) professor(a) A3 de técnicas agrícolas e também como dirigente da escola reconhece o despreparo dos docentes em relação ao tema sexualidade, fazendo a seguinte colocação:

- *(...) eu noto que o nosso professor, quando eu falo o nosso de forma geral, esse assunto (...) é mais barreira ainda para o professor do que para o aluno. Isso é um problema muito sério, nós não estamos preparados no dia-a-dia, (...) o professor está longe de ter uma maturidade de tratar desse assunto com abertura, (...) normalmente como deveria tratar.(...) então, essa cultura do professor teria que evoluir mais, eu acho que o jovem evoluiu mais do que nós.*

Assim, torna-se difícil para o professor dispor da normalidade no trato com seus alunos, por entraves culturais, *recalques provocados pela história de vida, em que a sociedade como um todo cobrava uma postura educativa de mais valia para a época. Assim, bloqueando o desenvolvimento do indivíduo, sem que houvesse esclarecimentos sobre as atitudes acerca da sexualidade, que por preconceitos ficavam mascaradas por outras situações. Isso se reflete, hoje, levando os docentes a seguirem uma linha de comportamentos semelhantes com seus educandos.

Na tentativa de buscar auxílio em situações de emergência em sala de aula, no decorrer dos anos, os docentes criam formas alternativas de resolvê-las, através de suas práticas vivenciadas no cotidiano, muitas

vezes até marcadas por insucessos, provocados por situações de repressões promovidas pela educação vigente da época. A formação cultural, social, histórica do indivíduo define o seu estado emocional, os quais são carregados na cotidianidade. Desse modo não é possível transmitir de forma natural outros aprendizados, os quais não foram vivenciados, trazendo dificuldade em toda e qualquer situação que tenham semelhanças a referências passadas que tratem desse assunto. Isso expresso na fala do(a) professor(a) A1, da disciplina de Artes e Filosofia quando diz que:

- *Não adianta a gente querer que o nosso professor, (...) saia todo mundo entendendo, falando numa boa, nessas questões sobre sexualidade, não vai acontecer, por que eles não têm. Como que eles vão dar uma coisa que eles não têm? Então, teriam que trabalhar primeiro a sexualidade do professor, para depois chegar ao aluno.*

Outro professor(a) B2 de Artes, salienta a dificuldade enfrentada no decorrer de sua carreira, quando havia necessidade de intervir com seus alunos em sala de aula, relatando o seguinte:

- *De início assim, esse tema sexualidade era bastante difícil, eu não sabia como trabalhar. (...) a minha formação não me deu essa orientação, (...). então a gente foi buscando, através de leitura, palestras, para ver como deve proceder para trabalhar sexualidade na escola.*

Observou-se a prática docente do(a) professor(a) B2 – disciplina de Artes, sendo esse, um momento de conclusão de um trabalho: a

apresentação dos seus alunos do Ensino Médio num trabalho de montagem e criação de uma peça de teatro. Nesse trabalho de assuntos diversos, pautava desde peças infantis: Princesa Adormecida, A Gata Borralheira, como também Romeu e Julieta. Na apresentação do trabalho, surgiram várias manifestações, entre elas o assunto “beijo”, expressa na forma de incentivo e insistência para ser mais real e também, provocação, para necessariamente chamar a atenção ao assunto. Outra manifestação foi sobre a virgindade, vista por alguns alunos como uma situação pejorativa. Essa situação causou o constrangimento para uma adolescente, provocando a interferência do(a) professor(a) que aproveitou o momento para a problematização, questionamentos e esclarecimentos sobre o assunto. Outras manifestações dos atores frente à turma foram observadas, por exemplo: a insegurança, o nervosismo (riam muito e outros sinais), como também da platéia que não perdia um fato para observações e comentários.

No decorrer da leitura das entrevistas, pôde-se observar que a maioria dos entrevistados relata a necessidade de se trabalhar o tema sexualidade nas escolas. O(a) professor(a) A1 de artes e filosofia, comenta que:

- (...) *A própria escola deveria dar esse suporte por que a família não está dando, (...) eu percebo que a família, transfere o papel dela nessa também, da educação sexual para a escola e a escola não está dando conta, (...).*

A família como não tem condições de trabalhar a sexualidade com os filhos, transfere para a escola essa responsabilidade. A escola, como instituição de poder estabelecida pela sociedade, também não está preparada, mas segundo Souza (1991) a escola exerce um papel de “função insubstituível (...) e cada indivíduo tem o direito de participar” (p.

108), recebendo das instituições educativas, através de docentes ou profissionais de educação, as condições de desenvolver no educando atitudes de liberdade, afetividade e responsabilidade frente à sexualidade.

Todas as falas denotam urgência em abordar esse tema, mas enfocam que deve estar determinado num planejamento pré-estabelecido pela equipe diretiva da escola de formas variadas, ou seja: palestras, projetos, ou definir a inclusão do tema numa disciplina, que preferencialmente pelos(as) professores(as) seria a Biologia. Observa-se isso na fala do(a) professor(a) A1 da disciplina de Artes e Filosofia, quando diz:

- (...) a gente vê o quanto é necessário (...), que pelo menos uma área, que a área de Ciências ou a Biologia, se dedicasse a trabalhar esse tema e com essas questões, (...). O aluno fica esperando e o professor de Biologia empurra para o professor de Artes, ou o professor de Artes empurra para o professor de Filosofia...(...).

Outro(a) profissional da educação, D3 que atua na Orientação Educacional e atende o setor de Psicologia da Escola, dá seu depoimento sobre a forma em trabalhar citando a disciplina de Biologia como elemento de importância, e assim se expressa:

- (...) conforme for surgindo a necessidade deles, e eles vão manifestando, eu vou trabalhando, mas isso, você também deve trabalhar nas suas aulas, principalmente a professora de Biologia, (...) que tem mais instrumentos para trabalhar, (...). Como não tem disciplina específica para trabalhar sexualidade nós

temos projetos, realizados a cargo de inúmeros profissionais, além de mim que também vou seguidamente as turmas fazer uma conversa com eles, (...) onde possam ter mais liberdade, (...) perguntar livremente, (...) já trabalhei temas como DST, Aids, (...), sobre o ficar, (...).

A Biologia continua sendo o reduto da sexualidade, pois os professores parecem entender que a sexualidade está restrita a uma visão higienista, como se fosse apenas doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, fisiologia do aparelho reprodutor e higiene do corpo. Então, observa-se que a maioria dos professores vê as escolas como um local meramente de repasse de informações, sem oportunizar o direito do(a) aluno(a) de ter uma educação cidadã, que lhe dê princípios e condições para viver com dignidade. Isto está pautado em Guimarães (1995, p. 109), que faz a seguinte referência com relação à escola:

(...) a escola oferece o espaço dos laços subjetivos, (...) a experiência de “pertencer”, de “estar juntos”, que permite a formação de valores, crenças, emoções, habilidades e hábitos intelectuais e sociais.

Os(as) professores(as), com receio de não proporcionarem condição meramente biológica transferem a responsabilidade para profissionais da área de saúde, como enfermeiros(as) ou médicos(as), que no seu entendimento é o profissional melhor capacitado para informar os(as) alunos(as). Nas entrevistas observa-se um reforço disso nas palavras de vários(as) professores(as) que dizem:

- *(...) hoje a gente vê meninas de doze anos,(...) nós temos todos os anos aqui na escola, (...) adolescentes que engravidam, (...) se a adolescente ficou grávida,*

por que ela não usou nenhum preservativo, e as doenças? Então o nosso aluno não está recebendo essa orientação (A1, Disciplina de Artes e Filosofia).

- *(...) explicou sobre doenças, controle de natalidade, prevenção, tudo, (...) e falou a linguagem que eles entendem. (...), eu gostaria de ter a mesma naturalidade, a mesma segurança com que vi a enfermeira falando aqui, (...) e a ginecologista, (...) para poder realmente tirar as dúvidas deles (C2 – disciplina de Matemática).*

- *(...) a gente vê muito sofrimento, muita angústia, (...) é uma realidade bem grave, bem complexa a ser enfrentada aqui na escola. (...) a falta de formação, (...) de capacitação dos professores para trabalhar com seus alunos, (...) nem todos têm uma abertura em colocar para elas determinados questionamentos, cuidados com a saúde, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.(...) e, só o professor da área da Biologia, é muito pouco, ele não consegue fazer muita coisa (D2 – disciplina de Metodologia e Didática).*

Observamos em muitas falas dos entrevistados que, se a sexualidade está presente em todos os momentos da vida do indivíduo, e está nas relações entre eles, gerando uma cumplicidade o que lhe faz entender com mais afinco os conhecimentos. Essa confiança relatada por alguns professores(as) está pouco presente na maioria das escolas, provocadas pelas cargas horárias vastas do(a) professor(a) e por um currículo imenso a ser cumprido em cada série, não permitindo essa

maior aproximação. Assim relata o(a) professor(a) A3 – disciplina de Técnicas Agrícolas:

- (...) eu não noto essa aproximação, essa identificação do aluno com o professor.(...) embora tenhamos alguns professores que já trabalham, que sentem no dia a dia a própria confiança. Esse assunto tu sente, quando o aluno (...) pela confiança que ele tem no professor. (...) é por que existe uma afinidade do professor com seus alunos. Agora, quando o professor impõe aquela questão de distância, isto é sinal que não está existindo nenhuma interação desse assunto, por que (...) para ter abertura, tem que Ter aproximação.(...) Portanto, esse tema não vai ser tratado bem, nunca.

O conteúdo da entrevista do(a) professor(a) A3 da disciplina de Técnicas Agrícolas enfatiza o sentimento de confiança dos alunos no seguinte relato:

- Eu, às vezes recebo alguns alunos aqui. (...) ele vai te contar coisas que é importante saber até para ajudá-lo.(...) eles querem se abrir, eles querem alguém para compartilhar do problema, (...).

Essa necessidade dos(as) alunos(as) de contar sua história de vida, como forma de compartilhar suas angústias em defesa a resolver ou diminuir o impasse no qual está passando. E isso, só acontece quando encontra um semelhante a qual deposita confiança pelas relações de identidade que desperta entre eles.

O cotidiano dos(as) professores(as), é um corre-corre, com carga horária elevada em sala de aula, muitas turmas e programas das disciplinas para cumprir. Isso os impossibilita de conhecer melhor os seus alunos, efetivar uma aproximação, dificulta a confiança entre professor(a) e alunos(as) gera receios em ter uma conversa franca sobre o tema sexualidade. Comprova-se isso com o depoimento do(a) professor(a) C2 de matemática:

- (...) trabalhar o tema é muito importante, (...) ele não faz parte no meu planejamento, mas no momento que surge o assunto eu aproveito, (...). Também tem aquela coisa da família, a gente fica com um certo receio, entende! Aborda um assunto assim, eles comentam em casa, de repente a família não gosta, vem aqui e reclama. O que a professora de matemática está falando de gravidez, métodos contraceptivos, e coisa e tal, (...), mas eu procuro evitar.

Na escola C, em contato com um grupo de professores(as), funcionários(as) e alguns alunos(as), foi possível observar, através das falas entre eles, uma atitude de cumplicidade. A expressão de confiança desses alunos(as) em relação aos outros integrantes do grupo ficou comprovada pelo teor dos assuntos e pelas expressões e atitudes relacionadas à sexualidade, bem como pelo sentimento de empatia, análise de ações de colegas e até pelas formas apontada para a solução de problemas, relacionados aos conflitos pelos quais estavam passando.

Dessa forma, pôde-se observar que a relação entre os indivíduos se faz por essa cumplicidade, em que as identidades se fazem presentes entre esses sujeitos envolvidos no contexto. Assim, gera-se uma confiança entre aluno(a) e professor(a), proporcionando as condições

necessárias para a tranqüilidade e o equilíbrio de suas funções mentais, na aprendizagem de outros assuntos ou nas formas de resolver conflitos internos. Esses conflitos muitas vezes gerados por situações de desprazer guardados no inconsciente e que, no momento, reflete na nova situação. Sobre a expressão da sexualidade através de outras ações Küpfer (1989), relata, em seus estudos sobre Freud, o seguinte:

(...) há uma espécie de excesso libidinal, algo como uma reserva, que não é usado para fins sexuais e deve ser, (...) reaproveitado. Haveria, por isso, a possibilidade de uma certa reciclagem dessa energia, através da “dessexualização” do objeto da inibição do seu fim sexual. (...) torna-se possível que o indivíduo se volte para atividades “espirituais elevadas”, (...). São elas a produção científica, artística, e todas aquelas que promovem um aumento do bem-estar e da qualidade de vida dos homens (p. 42).

3.3 Manifestações dos alunos sobre sexualidade

Segundo as observações registradas pelos professores(as) entrevistados, a grande maioria dos alunos do Ensino Médio das escolas em estudo tem muitas dúvidas acerca da sexualidade. Muitas vezes expressando-se de várias formas, como pela falta de atenção no assunto em pauta, por expressões maliciosas, sentimentos de tristeza ou excesso de alegria, revolta, insegurança, manifestações orgânicas pela liberação mais intensa de hormônios da própria idade, o cuidado e a falta dele com a higiene corporal, e muitas outras formas que são notadas pelos(as) professores(as) nas salas de aulas, como se referem os conteúdos dessas entrevistas:

- (...) os alunos eles trazem a sua vida pessoal, as suas dúvidas pessoais para aula: porque eu vou prestar atenção no professor se eu estou com dúvidas muita mais sérias na minha formação pessoal que estão me atingindo agora. (...) a gente prioriza o nosso sentimento, por que nós somos sentimentos e devemos priorizar os sentimentos. (...) a gente tem momentos, para que vou ficar prestando atenção na aula de história, de geografia, de matemática, física e química, se eu estou com dúvidas muito mais sérias de coisas que me atrapalham muito mais fora daqui... (D3 – Orientação educacional e psicólogo(a)).

- (...) As dúvidas dos alunos são as mais variadas das mais elementares até as mais complexas. (C2 – disciplina de Matemática)

- (...) O nosso adolescente, ele é tão precoce, (...) o menino de quatorze anos ele ainda está pensando em namorar, e a menina de dez, onze anos, já está ficando. (...) o sexo feminino, ela, amadurecendo fisicamente muito mais rápido e hormonal, e não na mentalidade, então é, uma guria bobinha que às vezes, um rapaz mais velho faz o que quer, por que elas têm um corpo de mulher, mas a mente de uma pré-adolescente, isso é preocupante (A1 – disciplina de Artes e Filosofia).

- (...) são questões que se malícia, se levanta, (...), que tu vês que aflora, assim, um brilho no olhar (A 2 - disciplina de Matemática).

- (...) eles têm muita dúvida sobre sexualidade, eles querem nos passar uma imagem que eles sabem tudo, mas a gente sabe que não é bem assim, eu acredito que eles não querem demonstrar, mas eles têm muitas dúvidas... (B1 – disciplina de Língua Estrangeira – Inglês e Espanhol).

- (...) eles manifestam, assim, muitas agendas, até tenho uma comigo, onde eles enchem de cartinhas, e ficar para sempre, o indeciso, e perguntas, as colegas que colocam mensagens e na mensagem têm as questões da sexualidade, e, em função disso vou conversando com eles (D3 – Orientação educacional e psicólogo(a)).

Com relação a esse assunto podemos ver que essas atitudes observadas pelos(as) professores(as) nas salas de aulas são normais para a idade e para o contexto em que esse aluno está vivendo. Essa forma de ver a sexualidade se explica pelo que diz Veiga (1997):

O desenvolvimento do sujeito, tanto psicológico como biológico, ocorre dentro de um processo temporal e ininterrupto, ao longo de toda a sua vida e é influenciado por fatores diversificados. No desenvolvimento intelectual, há o aspecto psicossocial, no qual interfere tudo aquilo que o indivíduo recebe do exterior, por transmissão seja pelo meio familiar, grupo social ou da escola (p. 233).

Um sujeito é suscetível a interferências do meio, advindas da família ou de pessoas com quem mais convive. O próprio ambiente social representado pelos amigos, colegas, professores, toda e qualquer inter-

relação, constrói o inconsciente que avança num processo permanente de construção do indivíduo, chamado por Freud (1976) de “espiral de conflitos pessoais” e de “desejos egoísticos”. Dessa forma, o sujeito se constitui como ser real, individual, com qualidades e ações próprias. Nota-se que toda e qualquer ação interpessoal está carregada de importâncias na constituição do sujeitos envolvidos. Os conteúdos das entrevistas nos mostra as necessidades apresentadas pelos alunos relacionadas com as transferências de ações e conhecimentos transmitidos pelo outro, podendo ser de pai ou mãe, professor(a), amigo(a), atores de televisão e outros tantos em que houver essa relação. Isto acontece de forma até diferenciadas entre esses sujeitos como se pode perceber nestas falas:

- (...) acho que o aluno sabe muito mais, hoje, sobre esse tema, no dia-a-dia, (...), não um conhecimento científico, um conhecimento mais aprofundado, um conhecimento mais vulgar, dizemos entre aspas, do que dentro da própria sala de aula (A3 – disciplina de Técnicas Agrícola e Diretor(a)).
- (...) Eu vejo que os jovens tentam se mostrar abertos, mas não é bem assim, eles têm muitos tabus, eles têm preconceitos enraizados que vem com a família, (...)se na aula surge algum questionamento até mesmo uma piada, uma gracinha, não tem como tu fazer que não vê. Outro dia, me chamou a atenção: estávamos fazendo um debate sobre um texto e levantou uma menina, estava com uma roupa, muito bonitinha e tal, realmente chamava atenção. Eles desviaram totalmente a atenção do texto, por que sexualidade é uma coisa que interessa, e também a nós como professor. Nós como escola, não podemos achar que isso passa, que eles vão aprender fora da escola, eu

acho que eles têm que buscar esclarecimento sim, e é com a gente (B1 – disciplina de Língua estrangeira).

Quando se observa, no conteúdo das falas dos entrevistados, relatos de necessidades dos alunos, podemos perceber que não se trata muitas vezes das mesmas significações. Os(as) professores(as) têm determinados pensamentos, com significações que já sofreram diferenciações ao longo de suas relações num contexto historicamente constituído. Da mesma maneira se processa com os alunos. Molon (1999), estudando a constituição do sujeito em Vygotsky, assevera que os determinantes da especificidade do sujeito são constituídos pela interconexões que se realizam na consciência com as mediações das relações entre as comunicações significantes. Essas diferentes dimensões do sujeito se manifestam na afetividade, no inconsciente, na cognição, no semiótico, no simbólico, na vontade, na estética, na imaginação, e tantas outras manifestações observadas nos alunos.

A insegurança gera os conflitos e as significações de conceitos em ações passam a incorporar no dia-a-dia do aluno, como relatam esses sujeitos:

- (...) *O nosso adolescente, hoje, ele confunde sexualidade com a promiscuidade. O número de beijos, quem beija mais numa noite! Isto é o que acontece, nas boates, quem fica mais durante a noite toda. Então, já torna uma coisa promíscua* (A 1 – disciplina de Artes e Filosofia).
- (...) *Assim um aluno me disse: Se a escola ainda trabalhasse algo que for interessante que eu poderia utilizar nessas minhas dúvidas eu renderia muito mais, mas como não, realmente, eu vou nem pensar,*

enquanto a professora tá falando, eu estou viajando, pensando em outras coisas, nas minhas dúvidas (D3 – Orientação educacional e psicólogo(a)).

A sexualidade tem como suporte um corpo biológico e uma mente os quais são atribuídos sentidos pela sociedade que se constitui de acordo com o contexto histórico, político e cultural. Assim, entende-se que o comportamento dos alunos deverá ser analisado a partir da construção social. Cada vez mais é discutido o comportamento dos indivíduos tanto por estudiosos como pela mídia, sempre levando em conta parâmetros considerados normais para um ou outro sexo. Podemos verificar no conteúdo destas falas, algo pensado a esse respeito:

- *(...) uma coisa que eu tenho notado nos últimos anos, um aumento crescente de meninos, que não têm, assim, uma definição sexual. (...), me representa que na escola não era tão evidente como agora. Agora é um número enorme, não sei qual é o fator. (...)e quanto a discriminação, antes era bem mais, agora parece que mais natural, embora a gente veja algumas discriminações, eu acho que a parte cultural, está amenizando, não é tão marcante como era, tão agressivo (D2 – disciplina de Metodologia e Didática).*

A fala desse sujeito pesquisado evidencia um distanciamento com relação ao tema sexualidade, tendo em vista ser do sexo masculino e estar trabalhando com uma turma de meninas:

- *(...) Ensino Médio, mais a parte dos terceiros anos, já essa questão elas não conversam tanto, elas já são mais reservadas. Eu só trabalho com meninas, o*

Ensino Médio é só com meninas (D1 - disciplina de Educação Física).

A maturidade mental e orgânica é um processo que se constitui ao longo do tempo, e gera atitudes que leva os adolescentes a muitos desencantos, a atitudes silenciosas, calcando seu desenvolvimento natural e dificultando a vida do sujeito.

Hoje, existem muitas formas destinadas a esclarecer os adolescentes quanto à sexualidade, como palestras, projetos realizados pela mídia, leituras, internet, entretanto se percebe a falta de conhecimento acerca da sexualidade.

Fatos que perpassam no dia-a-dia dos jovens parecem evidenciar a ausência de significação na vida dos adolescentes. Isso é expresso nos conteúdos das entrevistas dos seguintes professores(as):

- (...) se é trabalhado, quando é, é assim, rapidamente, aquilo passou para vencer conteúdo, e o nosso aluno (...) aqui da nossa realidade, (...) passou anos e anos aqui conosco e não teve nenhum momento que ele recebeu isso, por que muitos pais não têm abertura com os filhos, (...), hoje a gente vê menina de doze anos, (...) nós temos todos os anos aqui na escola, assim em média de 3 a 4 adolescentes que engravidam. (...), se a adolescente ficou grávida, porque ela não usou nenhum preservativo, e as doenças? Então o nosso aluno não está recebendo essa orientação (A 1 - disciplina de Artes e Filosofia).

- (...), se usa e se pensa apesar de toda a mídia mostrar, o governo fazer campanha contraceptiva,

com camisinha (...) tudo que é forma de evitar a gravidez, mesmo assim tem gente que engravida, é falta de conhecimento? Não. Não vê televisão? Vê. Sabe que por mais que não vê televisão, aprende em sala de aula, seja lá, em biologia (...). (B3 – disciplina de História).

- *(...) Eu falo muito para as meninas, sobre higiene pessoal, cuidado, falo abertamente com elas (...), eu noto, que a desinformação é muito grande a falta de cuidado, (...) a gente enfrenta, sérios problemas, por que quando se deparam que estão grávidas elas entram em desespero. Outra que elas não sabem a quem apelar, às vezes (...), a família pouco esclarece os filhos, os alunos se queixam que os pais trabalham não ficam em casa, eu acho que por outro lado cultural, também. O negócio banalizou muito o ficar com os meninos, e quando elas vêem tão grávidas e aí que elas se deparam com o problema* (D2 – disciplina de Metodologia e Didática).

A sexualidade é uma condição humana, que não se apresenta apenas ao biológico como ainda alguns profissionais da educação entendem. Essa visão é consequência de uma herança na história da humanidade que via a sexualidade como um fator estritamente reprodutivo, feio e proibido. Restam ainda, vestígios de cultura em que os professores e os alunos eram considerados indivíduos assexuados, sem desejos e sem prazeres. Precisamos entender como nos assevera Souza (1993): “O biológico no ser humano não pode estar dissociado de suas aprendizagens, de seus desejos, de seus prazeres, de suas inter-relações, dos afetos, do amor...” (p. 74).

Assim se constitui a vida dos indivíduos, então isto vem ao encontro das idéias de Foucault (2001) em que a sexualidade é vista como um dispositivo de poder, está em toda parte e presente em todos os lugares em que as relações se processam. A escola é uma instituição de relações entre os indivíduos que se estreitam ao longo do tempo, influenciando de forma marcante nas mudanças psicológicas dos alunos pela presença da sexualidade explícita ou implícita dos profissionais.

O sujeito é multifacetado, constituído e constituinte nas/pelas relações sociais, em que a subjetividade é a interface do processo sócio-histórico que o constitui. A subjetividade manifesta-se, revela-se, converte-se, materializa-se e objetiva-se no sujeito, e através dela que observamos as atitudes e ações expressas ou ocultas dos discentes e docentes de uma instituição e por fazerem parte de um mesmo contexto sócio-político cultural são elementos representativos dessa sociedade. Os docentes entendem que os meios de comunicação são influências significativas para os alunos, porque tudo que está na propaganda, nas novelas em que a representatividade do elenco são os jovens, são evidenciados nos discursos e ações no cotidiano do aluno. Pode-se ver no relato dos conteúdos das entrevistas desses profissionais:

- (...) *Até porque o nosso aluno está sendo bombardeado diariamente por erotismo, a mídia nos coloca tudo isso, erotismo, essa questão do sexo pelo sexo e nos traz para a sala de aula. E se tu encontrar o nosso adolescente ali na rua, numa boate ou num barzinho, a gente fica assim, de boca aberta pela cena que a gente vê, que estão na nossa aula todos os dias e o que eles fazem aí fora (A1 - disciplina de Artes e Filosofia).*

- (...) a televisão mostra tanto que convenhamos não existem muitas dúvidas.(...) no sentido mais vulgar a televisão mostra muito, então eles têm um conhecimento, desta sexualidade mais prática, muito grande. (...) eles evoluíram bastante, (...) que te coloquei que é normal a gente ver jovens prevenidos, no caso (A3 – disciplina de Técnicas Agrícola e Diretor).

Os adolescentes têm necessidade de contar suas histórias de vida, como forma de compartilhar suas angústias em defesa de resolver ou diminuir o impasse pelo qual está passando. E isso só o faz quando encontra um semelhante no qual deposita confiança, pelas relações que desperta de identidades entre eles. Quando o profissional não se encontra preparado para essa conversa, poderá levar esse adolescente a um desajuste, tornando ainda mais difícil a situação. Entretanto, quando as significações se encontram de forma que os elementos comprometidos possam refletir sobre esses conflitos, oportunizam uma ressignificação nos fatos e abrem-se caminhos para resolver os impasses. Inconscientemente os docentes fazem isso através dos relatados nas entrevistas:

- (...) se o aluno, começa a se abrir, tu não pode interromper. Essa abertura, tu tem que deixar que a canoa vá, (...)e ele vai te contar coisas que é importante saber até para ajudá-lo, coisa que isso não existe numa escola. (...) eu às vezes recebo alguns alunos aqui, que os pais pedem (...) a gente começa a descobrir coisas que eles te contam, que eles querem se abrir, que eles querem alguém para compartilhar do

problema, (...) (A3 – disciplina de Técnicas Agrícola e Diretor).

- *(...) Eu entendo assim, (...) não sei se é pela minha visão, pela minha formação, que tem muito a ver, (...). Então como a minha parte é de expressão, ou através de desenho, alguns alunos nos primeiros dias que eu trabalho, eles começam a fazer aqueles desenhos, como mulheres peladas, ou, como no sentido de me chocar. Aí eu revento a situação: isso é coisa normal., está muito bonito teu desenho. Mas a professora acha, mesmo? Sim, porque os grandes artistas eles trabalham o corpo, não só o feminino, mas o masculino também. Então isso é uma coisa habitual para quem trabalha com as artes, a gente visualizar. Então, eu encaminho por um lado que, às vezes, eles se surpreendem, e acaba assim como normal, natural (...) Então eu já encaro, tranqüilamente, segue normal, aquilo passa, flui, (...), não tem aquele choque, aquela proibição (B2 – disciplina de Artes).*

O educar sexualmente é desenvolver as capacidades, ao longo da história, com enfoques que permeiam em cada período específico, uma educação sadia de forma que permita a vivência e o desenvolvimento de todas as etapas naturais impostas pela vida. Segundo Thums e Kieling (1990, p.39), a educação sexual deve: “evitar o mistério e a ignorância, mas também propiciar maior satisfação e prazer, possibilitando o encontro do indivíduo consigo e com o outro (...)”. Acredito que dessa forma as relações de confiança e de identidades se confirmam e a transferência das informações se sucede com mais eficácia.

3.4 Sexualidade: um tema transversal

O educador consciente de seus atos, esperançoso de um mundo melhor, reconhece a força que exerce num contexto para a modificação da realidade. Suas experiências na escola são momentos importantes que precisam ser autenticamente vividos. É nesse momento, nas relações interpessoais, que passa seus questionamentos, problematizando-os, fazendo com que os(as) alunos(as) procurem, no diálogo, o prazer pelo aprender a conhecer. Assim, o educando terá oportunidade de refletir sobre as suas experiências vividas e reestruturá-las de forma mais segura e motivadora, em novas aprendizagens.

O ato de conhecer é uma ação humana interdisciplinar que sustenta o homem nas suas relações com o mundo. A escola, através das práticas docentes, torna-se uma instituição de estratégias de ação nas relações interdisciplinares, pois o sentido interdisciplinar da educação é a formação do ser humano.

O educador, através de informações e discussões com seus alunos acerca da sexualidade, estabelece uma relação reflexiva sobre o tema vivenciado nesse contexto, oportunizando a mudança de opiniões ou reafirmando aquelas já estabelecidas, possibilitando, ao aluno, desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus.

Os conteúdos das entrevistas nos revelam a realidade ocorrida nas escolas quanto ao tema sexualidade, como por exemplo, o relato do(a) professor(a) A1, da disciplina de Artes e Filosofia:

- (...) *a própria escola deveria dar esse suporte por que a família não está dando. Muitas vezes, eu percebo*

que a família está transferindo o papel dela nessa também da educação sexual para a escola e a escola não está dando conta, (...).

A família, como não tem condições de trabalhar sexualidade com seus filhos, transfere para a escola essa responsabilidade. Mas a escola, como instituição de “poder” estabelecida pela sociedade, também não está preparada para resolver a situação. Então, professores(as) e agentes educativos tentam, como podem, ajudar os adolescentes com as suas vivências, muitas vezes fora da realidade do momento.

A falta de preparo do(a) professor(a) gera a incapacidade de levantar o tema e levá-lo à discussão com os alunos, proporcionando uma insegurança e expectativas acerca da sexualidade, uma vez que esse assunto faz parte do processo normal de desenvolvimento do indivíduo. O relato desse(a) professor(a) reflete essa ação:

- (...) *O nosso aluno fica esperando e o professor de biologia empurra para o professor de artes, ou o professor de artes empurra para o professor de..., por que não dentro da própria escola uma linha em que se determine, tal disciplina vai trabalhar tais e tais temas* (A1 – Prof^a. de Artes e Filosofia).

A situação torna-se desajustada na observação desse profissional, que sugere delimitar a ação de trabalhar sexualidade em disciplina previamente estabelecida por órgão competente, legislando sobre o tema para que seja, então, forçada a sua realização, liberando, assim, outras disciplinas da responsabilidade, como se o assunto fosse isolado da formação do sujeito. Outros professores(as) de diversas disciplinas, apesar de se sentirem despreparados, lutam na tentativa de ajudar a

formação de seus alunos. Através dos conteúdos das entrevistas, nos falamos o que fazem:

- (...) nas minhas aulas de artes, (...) estão fazendo uma pintura abstrata e, depois em cima dessa pintura abstrata eles vão fazer colagens. (...) cenas que interprete, o dia-a-dia nessa questão da sexualidade, (...) (A 1 - disciplina de Artes e Filosofia).
- (...) eu trabalho muito em grupo, por que eu acho que trabalho em grupo dá troca, faz com que aconteça amadurecimento, trocam relações interpessoais, (...). Outra maneira que eu posso colaborar na parte de artes, por que eu trabalho arte educação aqui na escola, (...). Se a escola não der essa abertura ao nosso jovem, ele fica um pouco perdido, porque o espaço que a escola não ocupar, outros vão ocupar (A 1 - disciplina de Artes e Filosofia).

Os professores(as) entrevistados(as) procuram proporcionar um trabalho que venha a ajudar os adolescentes a desenvolver, com naturalidade, a sua formação. Como se refere esse(a) professor(a):

- (...) Então, são várias coisas através de diálogo, não é uma coisa preparada, é espontânea, surge, e aí a gente comenta, as preferências, os gostos e as tendências. (...) eu faço teatro, eles criam as personagens e às vezes se deparam de menino fazer o papel de mulher, (...) até é indicado, bem que tu podias fazer tal. Mas eu? o que o outro colega vai dizer depois que eu fizer? Então eu começo a

conversar. (...) no Ensino Médio, fundamental também, o namoro ontem e hoje, então, foi o resgate. (...) Quais as diferenças, (...) comportamento, acho assim que, que fecha... (B2 – disciplina de Artes de Ensino Médio e Fundamental).

Os professores entrevistados reconhecem a necessidade de se trabalhar a sexualidade nas escolas como um tema transversal. Vêm a possibilidade de se fazer esse trabalho, como fala esse(a) professor(a) A3 da disciplina de Técnicas Agrícolas e diretor(a): - *(...) há possibilidade de trabalhar, só que tem que começar a trabalhar com o professor, a partir daí não precisa nem dizer que tenha que trabalhar com os alunos. Os conteúdos das entrevistas reafirmam a urgência dessa atividade em caráter interdisciplinar, mas relatam a necessidade de um trabalho com os professores, que lhes dê garantia e firmeza nos seus entendimentos, e assim desenvolver, com qualidade, o processo de construção integral e contínuo do educando. Essa vontade se expressa nas palavras desses educadores:*

- *(...) Seja trabalhando em debates, em diálogos, em crônicas ou vindo alguém de fora para conversar, (...) nós professores teremos mais conhecimentos para poder trabalhar com os alunos (B1 – Disciplina de Língua Estrangeira - Inglês e Espanhol).*
- *(...), todos os profissionais deveriam ser capacitados para trabalharem. (...). Seria um ensino interdisciplinar (...). Um grande projeto ao nível da escola ele torna interdisciplinar, em vários campos curriculares. Componentes curriculares, na linguagem, história, ciências, são campos*

interdisciplinares, (...) (D2 – disciplina de Metodologia e Didática).

- *(...), todas as disciplinas, todos os professores devem estar preparados,(...). Nós deveríamos estar preparados para abordar com segurança, porque, afinal, a gente é responsável pela formação como um todo do aluno, não como hoje em dia, compartimentada, só matemática, (...). é bom que a gente esteja preparado realmente (C3 – disciplina de Matemática).*

Veiga (1997), reafirma as concepções dos professores entrevistados, quando escreve sobre a função da proposta interdisciplinar na escola, que:

(...) abre a necessidade de reafirmar o diálogo, tornando a comunicação expressiva, o corpo presente, as expressões ricas, resgatando atitudes, hábitos e valores sociais importantes para a formação da personalidade do indivíduo, libertando-o do isolamento cultural (p. 236).

Os(as) professores(as) relatam, nas entrevistas, que as aulas se tornam mais interessantes e proveitosas, quando se evidencia a sexualidade do indivíduo. Os conteúdos dos currículos deveriam estar relacionados a temas que ajudem a formação dos sujeitos, seja com textos que falem sobre sexualidade ou que gerem uma discussão, em que o aluno se conflite e procure, nesse diálogo, as respostas para as suas dúvidas e conseqüente resolução para os novos desafios próprios do ser humano. Ressaltam a importância de se trabalhar os temas transversais e se realizar a interdisciplinaridade. Assim se expressam os(as) docentes, neste conteúdo de entrevista:

- (...) eu acredito que hoje em dia não tem mais como trabalharmos o conteúdo estanque, não é mais possível isso. É necessário trabalhar temas atuais, temas transversais na escola, a interdisciplinaridade é muito importante, tem que ocorrer (B1, disciplina de língua estrangeira).

- Como não tem uma disciplina específica para trabalhar sexualidade nós temos projetos onde a gente chama inúmeros profissionais, além de mim, que vou seguidamente às turmas, fazer conversas com eles. (...), palestras para eles não interessa, mas uma conversa onde eles possam ter mais liberdade, perguntar livremente. Inclusive eu levo eles para sala de leituras da escola, (...) que aí o próprio ambiente proporciona uma liberdade melhor, (...) (D3 – Orientadora Educacional e psicóloga).

Notamos, na concepção dos(as) professores(as), que a mudança provocada nas atitudes e conceitos dos alunos na construção do conhecimento está pautada nas inter-relações entre os sujeitos, num determinado contexto. Então, o processo de construção da subjetividade, a consciência de nós mesmos, se torna possível quando experimentada pelo embate com o outro.

Concluimos que no novo Ensino Médio, respaldado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1999), como sendo a “etapa final de caráter geral”, deverá ocorrer o desenvolvimento de competências básicas, tanto para o exercício da cidadania, como para o desempenho de atividades profissionais. Essas competências se caracterizam pela

capacidade de abstração, pelo desenvolvimento do pensamento sistêmico, pelo desenvolvimento do pensamento divergente, pela capacidade de se trabalhar em equipe, de procurar e aceitar críticas, de saber comunicar-se e da capacidade de buscar conhecimento. Essas competências deverão estar presentes na esfera social, cultural, nas atividades políticas e sociais como um todo e que são condições para o exercício da cidadania num contexto democrático. Esta proposta nacional para educação poderá ser desenvolvida pelas escolas através de um trabalho interdisciplinar, onde se podem estabelecer ligações de complementaridade, convergências, interconexões e passagens entre os conhecimentos. Isto se efetiva através de uma proposta curricular. Segundo a UNESCO (BRASIL, 1999) a proposta deverá contemplar as quatro premissas: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser, como eixos estruturais da educação.

A sexualidade, fator que permeia o dia-a-dia dos sujeitos na sua construção de identidade e condições que favoreçam a construção dos seres humanos, está contida nessa proposta de educação. Portanto, esse processo de construção da subjetividade, da consciência de nós mesmos, está refletido neste trabalho, pelo discurso dos(as) professores(as) e dos alunos(as), nas diversas situações em que foi proporcionado, mesmo que oculto pela interdisciplinaridade, verificado nas entrevistas e observações das práticas docentes, representadas pelos sujeitos pesquisados.

Deve haver um preparo do professor para exercer a transmissão das informações de forma aberta, sem estar vinculado àquele “poder disciplinar” que, segundo o trabalho de Foucault (1993, p. 106), trata de um poder preocupado em regular, em vigiar a espécie humana, ou seja, “disciplinar o corpo” para “disciplinar a mente”. A objetividade do “poder disciplinar” é manter sob controle “a vida, as atividades, o trabalho, os prazeres e as infelicidades do indivíduo”, com base no poder dos regimentos administrativos, do conhecimento especializado dos

profissionais e no conhecimento fornecido pelas ciências sociais, reafirma Coracini (2003, p. 243). O professor se preocupa com essas situações geradas pelo despreparo técnico dos profissionais da educação, tornando-se omissos na suas funções de ensinar ou de proporcionar condições de melhor aprendizagem, para provocar uma educação crítica e reflexiva dos seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho “Sexualidade: representações dos professores do Ensino Médio” proporcionou, para a pesquisadora, muitos conhecimentos, dentre os quais, alguns já estavam incluídos nas suas práticas pedagógicas, mas como forma de saber oculto. Este trabalho apresentou relevância não só para a pesquisadora, mas também para as escolas pesquisadas, que demonstraram interesse, tanto em colaborar, como também em verificar os resultados, para que possam, *a posteriori*, tomá-lo como base para reestruturar seus projetos pedagógicos.

A pesquisadora verificou que o interesse dos colegas entrevistados está respaldado em ações concretas, tendo em vista a evidência de questionamentos próprios de profissionais de sala de aula que convivem constantemente com jovens adolescentes, porção representativa no Ensino Médio das escolas públicas e particulares pesquisadas. As conversas com os profissionais das escolas fluíram com facilidade, mesmo mediante as diferenças de tempo de atuação em sala de aula, como professores.

Os conteúdos da entrevista formulada aos professores(as) de Ensino Médio das escolas de Santiago, RS, foram: a concepção de sexualidade vivenciada nas suas experiências pedagógicas; as dificuldades desses professores em proporcionar as condições necessárias acerca da sexualidade no desenvolvimento do aluno; as dúvidas mais comuns manifestadas pelos alunos, a atuação dos profissionais da educação em tentar ajudá-los e, por último, a possibilidade de implantação de uma proposta interdisciplinar, tendo a sexualidade como o tema transversal para melhorar a qualidade de ensino e ter uma educação cidadã.

Como podemos verificar através do referencial teórico, a sexualidade é uma das bases das relações humanas, a constituição da identidade dos indivíduos, a subjetividade, a estabilidade emocional, visto que ela pode resgatar o proibido, o lúdico e a afetividade.

A educação se processa desde os primeiros instantes de vida do ser humano. Cada ação, cada fato, cada situação exerce influência na vida dos indivíduos, que reagem perante as situações criadas pela natureza, pela sociedade, adquirindo continuamente hábitos que permeiam seu modo de ser. Essas situações são emitidas, em primeiro momento, pela família, pelo grupo social em que vive e, posteriormente, reestruturando-se na escola, pela educação institucionalizada e o encontro com um conhecimento diversificado e diferenciado, muitas vezes daquele que o constitui, construindo, assim, as mudanças necessárias à sua evolução como um cidadão consciente e reflexivo.

Com as mudanças no ambiente social, provocadas pela evolução dos tempos, a ausência dos pais no dia-a-dia dos filhos gerou uma ruptura na estrutura familiar, repassando à escola uma parcela maior de responsabilidade na educação das crianças e jovens.

A sexualidade inicia com a própria vida. Desde cedo, o ser humano busca satisfazer suas necessidades básicas, tanto no aspecto biológico como psicológico. O desenvolvimento intelectual do indivíduo recebe influência do meio em que vive, seja familiar, grupo social ou escola.

A sociedade vem reproduzindo as situações existentes em que privilegia a consciência, na medida que representa o intelecto, o sujeito pensante e o indivíduo moral, mas, por outro lado, desvaloriza o corpo. A escola, como instituição de poder e parte dessa sociedade, reproduz, nos indivíduos, as mesmas crenças sociais, políticas e intelectuais acerca da sexualidade, construídas historicamente. Assim, nota-se, nas escolas, através dos conteúdos das entrevistas, que compete à sexualidade somente um tipo de conhecimento, ficando o corpo a cargo dos outros, da

família, dos profissionais médicos. O corpo é despersonalizado, é aquele que se encontra nos livros, nas enciclopédias, desconsiderando-se os processos vivenciados, suas necessidades e, conseqüentemente, a sexualidade é vista somente sobre o prisma da reprodução.

Dessa forma, vem gerando, na ação pedagógica dos profissionais da educação, comportamentos autoritários, explicitados por omissões, exclusões, negações e repressões frente às questões da sexualidade. Essa atitude nas escolas é uma herança secular que ainda traz conseqüências marcantes na história da humanidade. Sabe-se, pelos conteúdos das entrevistas, que as escolas ainda guardam esta visão, mas existe, na maioria dos profissionais da educação, a vontade de mudar, tornando-se um passo importante para proporcionar melhores condições na formação dos alunos. Segundo Souza (1993, p. 74), “o biológico no ser humano não pode estar dissociado de suas aprendizagens, de seus desejos, de seus prazeres, de suas inter-relações, dos afetos, dos amores,...”. Mesmo que isso ainda não seja vivenciado pelos profissionais, vê-se que a sexualidade é trabalhada nos alunos, de forma implícita, pelas emocionantes expressões manifestadas nas entrevistas, como a desse(a) professor(a) A1 da disciplina de Artes e Filosofia, que diz:

- (...) são várias questões, eu me encanto trabalhar. Às vezes, os professores reclamam, por que não é fácil trabalhar com os adolescentes (...) e eu amo, amo de paixão, por que é uma oportunidade única, e tu podes marcar esses alunos positivamente pelo resto da vida, assim, (...) uma coisa que tu dizes na sala de aula.

A imagem que o professor tem de si mesmo, como aquele que tem a função de modificador de destinos, reflete nas suas ações em ajudar

seus alunos(as) a resolver seus problemas, com grande satisfação. Outros sentem medo diante das dificuldades e recuam, pois estão confusos em relação aos conhecimentos adquiridos e vivenciados, impedidos de dar a devida atenção frente à atitude do adolescente e progredir no diálogo, na compreensão, na resolução das dúvidas, na desmistificação do assunto sexualidade.

Verificamos que nos conteúdos das entrevistas estão expressas as inter-relações entre professor-aluno, e os demais agentes educativos, respaldados pelos aspectos históricos, culturais, religiosos, crenças, e o contexto sócio-político em que vivem.

Observamos que os professores da rede pública trabalham nas escolas particulares, como forma de compensar ganhos para manter suas vidas e de seus familiares. Dessa forma, podemos verificar que nas suas essências de uma escola para outra, não há uma diversidade nas concepções dos professores acerca da sexualidade.

A busca em elencar representações dos docentes não se trata de uma mera classificação mecânica dos discursos, mas uma forma de trazer condições de ruptura e construção de novos pensamentos ou até reafirmá-los na estruturação de um projeto político-pedagógico que venha ao encontro dos objetivos propostos para um sistema educacional que busca a melhoria da formação dos educandos.

Nesse contexto, a escola, como uma instituição de poder, pelas representações que evidencia e entre elas, a da sexualidade, da qual o docente é o principal agente, cria estratégias que contribua na melhoria das condições para o equilíbrio bio-psicossocial dos adolescentes, permitindo um desenvolvimento de suas capacidades na formação de um cidadão consciente.

Os(as) professores(as) nas escolas de Ensino Médio de Santiago, RS, tentam trabalhar a sexualidade de seus alunos, de forma

diversificada, seja através de atividades de grupos em sala de aula, trabalhos realizados em pinturas, teatro, palestras e mesmo nos momentos em que se manifestam expressões que revelam dúvidas ou conflitos. Muitos professores(as) refletem conscientemente sobre as suas ações em relação ao trabalho sobre sexualidade. Outros, no entanto, o fazem sem perceber, ou seja, mesmo que pense que não está trabalhando o tema, a sua presença, a forma com que trabalha os conteúdos, como se relaciona com seus alunos, tem uma relação implícita com o trabalho da sexualidade.

Nessas relações em que sucedem nas ações dos(as) professores(as), como na sua subjetividade, nas emoções revelam a sua cultura. As suas relações com seus semelhantes, as suas implicações com o conhecimento gerado pelas leituras, palestras, televisão, o próprio convívio na sociedade, transferem essas situações para seus alunos, produzindo modificações intelectuais. Isto caracteriza uma forma de trabalho, apesar de aparentemente não ser visível.

O que observamos nas entrevistas ou conversas com os professores(as) frente às solicitações por parte dos alunos sobre a abordagem do tema sexualidade, verificada no dia-a-dia e em sala de aula, a escola, normalmente, delega essa responsabilidade a profissionais que nenhum vínculo têm com ela. Como reflete Souza (1993, p. 74), isso “reforça a idéia que ainda hoje, são os outros que estão autorizados a abordá-los”.

Educar sexualmente não é um processo fácil, pois é formado por um conjunto de ações pedagógicas que implicam no entendimento da sexualidade humana com base nas ciências biológicas, médicas, psicológicas, educacionais, alicerçadas num contexto sócio-cultural e educacional do grupo para a qual se destina. A escola, como instituição de influência na constituição dos indivíduos, não pode substituir os pais, mas deve proporcionar condições para a aquisição do conhecimento,

gerar discussão e reflexão, pois, segundo Thums e Kieling (1990), deve ajudar na “desalienação e libertação” de culturas arraigadas nos seres humanos para que possa ser ele mesmo.

Quanto a um trabalho interdisciplinar nas escolas de Ensino Médio, as entrevistas permitiram verificar a realidade educativa apresentada nas escolas, a possibilidade de um trabalho mais eficiente acerca da sexualidade, desde que os(as) professores(as) estejam preparados para tal ação, de forma a atender as dificuldades que possam ter e lhes garantir maior segurança no desenvolvimento das suas práticas pedagógicas.

BIBLIOGRAFIA

A BIBLIA DE JERUSALÉM, São Paulo: Paulinas. 1981.

ALVES-MAZZOTTI, A.J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa.** São Paulo: Pioneira, 1998.

_____. Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994.

ALVES, R. **E aí? Cartas aos adolescentes e seus pais.** São Paulo: Papyrus, 1999.

ARRUDA, A. As representações sociais: desafios de pesquisa. **Revista de Ciências Humanas.** Florianópolis: EDUFSC, Especial Temática, 2002. p. 09-32.

ARANHA, M.L.A. **História da educação.** São Paulo: Moderna.1996.

BERGER, P.L., LUCKMANN, T. **A construção social da realidade.** Petrópolis: Vozes, 1973.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Pluralidade Cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. _____. _____. Apresentação de temas transversais e ética. Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. _____. _____. Terceiro e quarto ciclo: apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Bases Legais. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio.** Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

CAMPOS, R. **História geral.** 4. ed. São Paulo: Atual, 1981. v. 1.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual.** São Paulo: Brasiliense, 1992.

CHARBONNEAU, P.E. **Educação Sexual.** São Paulo: Pedagógica e Universitária. 1979.

CORACINI, M.J. (org.) **Identidade e Discurso: (des)construindo subjetividades.** Campinas: ed. da Unicamp, Chapecó: Argos Universitária, 2003.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. Pensadores. São Paulo: Abril, 1978.

FAZENDA, I.C. (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

_____. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

_____. **Microfísica do poder**. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

_____. **Vigiar e punir**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FREUD, S. **Três ensaios para uma teoria sexual**. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GALLIANO, A.G. **O método científico: teoria e prática**. São Paulo: Harbra, 1986.

GAUDÊNCIO, P. **Jovem urgente**. São Paulo: Paulinas, 1974.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.C. de S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GUARESCHI, P.A., JOVCHELOVITCH, S. (org.) **Textos em representações sociais**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola: mito e realidade**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

GUIZZO, B. S. Discutindo gênero e sexualidade na educação infantil. **Pátio**. Porto Alegre: ano VII, n. 27, ago/out. 2003.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes. 2000.

HEIBORN, M.L. **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: JZE, 1999.

- ISAIA, S.M. de A. Fundamentos Psicológicos da Educação: uma leitura vygotskiana e riegeliana. **Perspectiva: Filosofia e Educação. Revista do Centro de Ciências da Educação**, ano 19, n. 25. Florianópolis: UFSC. 1996.
- KAHN, R.L. CANNELL, C.F. **The dynamics of interviewing: theory, technique and case**. New York: John Wiley, 1962.
- KUPFER, M.C. **Freud e a educação – o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1989.
- LAKATOS, E.M., MARCONI, M.A. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1994.
- LIBÂNEO, J.B. **Pastoral numa sociedade de conflitos**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3. ed. Petrópolis: Vozes 1999.
- LUKÁCS, G. **História e consciência de classe**. Porto: Publicações Escorpião. 1974.
- MOLON, S.I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. São Paulo: Educ, 1999.
- MEAD, M. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- MINAYO, M.C. de S. O conceito de representações sociais dentro da Sociologia Clássica. In: GUARESCHI, P., JOVCHELOVITCH, S. (org.) **Texto em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. **O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 2000.
- _____. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- NETO, O.C. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M.C. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- NUNES, C.A. **Desvendando a sexualidade**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 1997.
- NUNES, C.A. Dialética da Sexualidade e Educação Sexual no Brasil. In: CONFERÊNCIA NO CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PARA O PENSAR E EDUCAÇÃO SEXUAL, ano 8. n. 15, 2001, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis SC. Revista Brasileira de Filosofia, 2001. p. 39-54.

ORLANDI, E.P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

PARGA NINA, L. et ali. **Configuração de situação de pobreza**. Rio de Janeiro: PUC/Rio, 1983.

PATTO, M.H.S. (org). **Introdução à psicologia escolar**. São Paulo: Queroz, 1989.

PIÉRON, H. **Dicionário de psicologia**. Porto Alegre: Globo, 1969.

QUINTANA. A.M. A educação sexual, a escola e o desenvolvimento intelectual. **Revista Vidya**, v. 12, n. 19, p. 25-41, jan./jun. 1993. Santa Maria: UNIFRA.

REED, E. **Sexo contra sexo ou classe contra classe**. São Paulo: Proposta, 1980.

SAVIANI, D. Ética, Educação e Cidadania. In: CONFERÊNCIA NO CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PARA O PENSAR E EDUCAÇÃO SEXUAL, ano 8, n. 15, 2001, Florianópolis, SC. **Anais**. Florianópolis: Revista Brasileira de Filosofia, 2001. p. 19-36.

SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (org.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

SOUZA, H.P. de. **Convivendo com seu sexo: pais e professores**. São Paulo: Paulinas, 1991.

SOUZA, N.G.S. de. Escola e Sexualidade. **Revista de Estudos**. Novo Hamburgo, v. 16(1): 72-75, jul. 1993.

STOLZMANN, M.M. Do dom de transmitir à transmissão de um dom. **Revista Psicanalítica de Porto Alegre**, n.16, 1999.

STOLL, R.R. Orientação Sexual nas escolas. **Signus**, Lageado, v. 12, n. 22, p. 90-93, mar. 1988.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

THUMS, J., KIELING, S. Reflexão sobre educação sexual: análise de um estudo exploratório. **Educação**, Porto Alegre, ano XIII, n. 18, p. 37-45. 1990.

VASCONCELOS, N. **Os dogmatismos sexuais**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

VEIGA. S.G. Subjetividade/Sexualidade: uma questão pedagógica. **Cadernos de Aplicação**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, jul./dez. 1997.

ANEXOS

ANEXO A – Ficha de identificação do Profissional entrevistado

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

<p>1. Dados de Identificação</p> <p>Nome: _____</p> <p>Idade: _____ Sexo: () M () F</p> <p>Estado Civil: _____</p> <p>Como gostaria de ser identificada na pesquisa:</p>
<p>2. Dados Institucionais atuais</p> <p>Escola: _____</p> <p>Curso(s) em que leciona: _____</p> <p>Disciplinas que leciona: _____</p> <p>Outra Atividade: _____</p>
<p>3. Formação Acadêmica</p> <p>3.1 - Graduação</p> <p>Curso: _____</p> <p>Instituição: _____</p> <p>Início: _____ Término: _____</p> <p>3.2 - Pós-Graduação</p> <p>Curso: _____</p> <p>Instituição: _____</p> <p>Início: _____ Término: _____</p> <p>Mestrado: _____</p> <p>Instituição: _____</p> <p>Início: _____ Término: _____</p>
<p>4. Vida Profissional</p> <p>Tempo de Docência:</p> <p>1ª Instituição:</p> <p>Disciplinas: _____</p> <p>Nível de Ensino: _____</p> <p>2ª instituição:</p> <p>Disciplinas: _____</p> <p>Nível de Ensino: _____</p> <p>3ª Instituição</p> <p>Disciplinas: _____</p> <p>Nível de Ensino: _____</p>

ANEXO B – Carta de Cessão

CARTA DE CESSÃO

Declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minhas participações orais e escritas, podendo, as mesmas, serem utilizadas integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data.

A presente declaração dar-se-á com referência à dissertação de mestrado intitulada “**Sexualidade: Representações de professores do Ensino Médio**” de Aida Mair Prado Flores, da qual participei, durante o processo de pesquisa desenvolvido pela autora.

Abdicando direitos meus e de meus descendentes quando ao teor da entrevista, subscrevo esta Carta de Cessão, onde fica manifestada a minha autorização referente ao constante e explicitado acima.

Santiago (RS), ____/____/ 2003.

Assinatura do Entrevistado

Documento de Identidade

ANEXO C – Instrumentos de coleta de dados

INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

ENTREVISTA

Primeira etapa: Esclarecimento sobre o trabalho
Coletas de dados pessoais e profissionais

Segunda etapa: Entrevista com educadores enfocando os seguintes aspectos:

- Concepções dos educadores sobre sexualidade, na escola;
- Manifestações sobre sexualidade, por parte dos alunos que são observados pelos educadores no ambiente escolar;
- Principais dúvidas surgidas pelos alunos sobre sexualidade:
- Postura dos educadores frente essas situações;
- Visão dos educadores sobre a sexualidade como um tema transversal (PCN);
- Viabilidade de se trabalhar assunto sexualidade na prática pedagógica, em todas as disciplinas do currículo do Ensino Médio.

OBSERVAÇÕES

As observações serão feitas em horários e turnos previamente combinados com a escola e o docente entrevistado, após o consentimento de ambos, para não causar impacto com os elementos a ser observados. Os dados coletados serão transcritos e anexados com as entrevistas dos respectivos docentes colaboradores.

ANEXO D – Perfil das escolas pesquisadas

ESCOLA PÚBLICAS E PARTICULARES DE ENSINO MÉDIO DA CIDADE DE SANTIAGO (RS)

ESCOLA A: pública, fundada em 1994, consta de 1300 alunos, sendo 700 do Ensino Médio. Dos 83 professores da escola, 50 atendem o Ensino Médio e 33 no Ensino Fundamental. Auxiliam no trabalho educacional, 29 funcionários em vários setores, como o de limpeza, biblioteca ou administrativo. Localiza-se na periferia da cidade, atendendo alunos próximos ou vindos de outros bairros distante da escola e de diversas classes sociais. Nesta escola, foram entrevistados três professores, um de Artes e Filosofia, outro de Matemática e um professor de Técnicas Agrícolas e um diretor geral. Tem espaço físico escasso para a clientela que abriga.

ESCOLA B: particular, fundada em 1994, há 546 alunos sendo 120 do Ensino Médio. Possui 60 professores dos quais 22 trabalham no Ensino Médio e 38 do Ensino Fundamental. Trabalham 12 funcionários, sendo que os serviços de segurança e outros, feitos por terceirização. Localiza-se, num bairro muito próximo ao centro, de poder aquisitivo médio-alto, sendo os alunos de vários locais, próximos ou distantes, de classe social média alta. Tem espaço amplo e ambiente apropriado à clientela. Possui não só orientadores como psicóloga, para ajudar na formação dos alunos. Nesta escola, foram entrevistados professores de Artes, Língua Estrangeira e História.

ESCOLA C: pública, fundada em 1957, considerada de grande porte, pois atende 1300 alunos, sendo 800 do Ensino Médio, com 96 professores, sendo 48 do Ensino Médio e 48 do Ensino Fundamental. Possui 30 funcionários que atuam nas diversas atividades tais como: merenda, limpeza e administração. Situa-se próximo ao centro da cidade com espaço amplo (uma quadra inteira), disponível para a educação. Abriga alunos do centro e da periferia próxima, na maioria. Tem no seu

quadro de pessoal uma orientadora educacional. Para a realização das entrevistas foram necessárias várias visitas, tendo em vista a dificuldade de tempo disponível dos sujeitos de pesquisa. Foram entrevistados três professores das disciplinas de Português, Física e Matemática.

ESCOLA D: Escola particular, fundada em 1965, constam de 590 alunos sendo 123 do Ensino Médio; Possuem 42 professores sendo 21 professores do Ensino Médio e 21 do fundamental. Está localizada no centro da cidade, com amplo espaço físico. Frequentam esta escola alunos de classe média alta. Atua na orientação educacional uma psicóloga que atende os setores de psicologia e de orientação concomitantemente. O contato e permissão para realizar as entrevistas nesta escola foram bastante demorados, pois o encontro com a direção ou representante se fez através de muitas agendas. Entretanto, após se firmar esse contato, foram de cordiais e valiosas as contribuições. Nesta escola foram entrevistados: um professor de Educação Física e uma professora de Literatura e Didática do Magistério, uma psicóloga e orientadora educacional. Esta última está, há poucos anos, na função de educação, mas contribuiu grandemente para a visão global dos trabalhos realizados pelos professores sobre sexualidade.

ANEXO E – Perfil dos Professores Entrevistados

PROFESSORES ENTREVISTADOS

A 1 – Professor(a) de Artes e Filosofia; Graduação: História, Pós-graduada em Planejamento e Gestão na Educação; Professor(a) de Ensino Fundamental e Médio: 20 (vinte) anos de licenciatura

A 2 – Professor(a) de Matemática; Graduação: Licenciatura Plena em Matemática, Especialização em Metodologia do Ensino de Matemática; Mestrado em Modelagem Matemática; 11 (onze) anos de licenciatura.

A 3 – Professor(a) de Técnicas Agrícola e Diretor(a); Graduação Pedagogia; Especialização em Supervisão Escolar; 33 anos de licenciatura.

B 1 – Professor(a) de Língua Estrangeira – Inglês e Espanhol; Especialização: Interdisciplinaridade na Língua Estrangeira; 10 (dez anos) de licenciatura.

B 2 – Professor(a) de Artes (do Ensino Fundamental e Médio), Graduação: Bacharelado em Desenho e Plástica – Licenciatura Plena Artes Plásticas; Especialização em Planejamento e Gestão da Educação. 23 (vinte e três) anos de licenciatura.

B 3 – Professor(a) de História; Graduação: Licenciatura Plena de História; 23 (vinte e três) anos de licenciatura.

C 1 – Professor(a) de Matemática; Graduação: Licenciatura Plena em Matemática; Especialização Metodologia do Ensino da Matemática; 15 (quinze) anos de licenciatura.

C 2 – Professor(a) de Português e Literatura; Graduação: Licenciatura Plena de Português, Literatura e Redação; 20 (vinte) anos de licenciatura.

C 3 – Professor(a) de Física; Graduação: Geologia; Especialização no Ensino de Ciências e Matemática; 10 (dez) anos de licenciatura.

D 1 – Professor(a) de Educação Física; Graduação: Licenciatura Plena em Educação Física; 5 (cinco) anos de licenciatura.

D 2 – Professor(a) de Linguagem, Alfabetização e Literatura Infantil (Curso Normal), Graduação: Letras; Especialização em Literatura e Português; 24 (vinte e quatro) anos de licenciatura.

D 3 – Orientador(a) Educacional; Graduação: Psicologia; 2 (dois) anos de trabalho em Escola.